



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA



ERICA KARINE SANTANA SANTOS

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E JULGAMENTO DE
ADOLESCENTES SOBRE PROFISSÕES

São Cristóvão – Sergipe

2021

ERICA KARINE SANTANA SANTOS

**ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E JULGAMENTO DE ADOLESCENTE
SOBRE PROFISSÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Dr. Elder Cerqueira-Santos

São Cristóvão – Sergipe

2021

ERICA KARINE SANTANA SANTOS

**ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E JULGAMENTO DE ADOLESCENTES SOBRE
PROFISSÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos
Universidade Federal de Sergipe
Orientador

Prof. Dr. Diogo Conque Seco Ferreira
Universidade Federal de Sergipe
Membro Interno

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Maria Maia Viana
Universidade de Fortaleza
Membro Externo

Ao meu avô João Santana (*in memoriam*), com muito amor e saudade.

AGRADECIMENTOS

Foram 2 anos de aprendizado no sentido mais amplo da palavra. Aprendizado acadêmico, profissional e pessoal. Tiveram muitos dias difíceis longe de casa e da família, onde eu pensei em jogar tudo para o alto e desistir, mas ressignifiquei as dificuldades e persisti, afinal quem me conhece sabe o quanto sonhei com a entrada no Mestrado e não poderia desistir assim tão fácil. Sozinha não seria possível chegar até aqui, por isso, com o coração cheio de gratidão venho externar os meus agradecimentos a todos que me ajudaram nessa jornada!

Agradeço primeiramente a Deus, mestre da vida, por me conceder saúde, força e persistência, e por estar me permitindo fazer deste sonho uma linda realidade, mostrando-me que nada é impossível para aqueles que nele creem. Obrigada Pai, por me manter firme nos meus desígnios, por toda proteção e todas as graças concedidas nesta caminhada. “Tudo é do Pai, toda honra e toda glória, é dele a vitória alcançada e minha vida!”

Aos meus pais, Rosângela e José, minha base, meu porto seguro, os quais nunca mediram esforços para me ajudar, sempre preocupados para que nada me faltasse, principalmente quando precisei deixar o meu trabalho para poder me dedicar ao mestrado. Todo amor, apoio e cuidado a mim destinados foram essenciais durante esta trajetória. Sem vocês, eu Mestre não seria. Eu amo vocês!

Aos meus amados avós, Rosália e João (in memoriam), os quais sempre me cercaram de muito amor, agradeço por todo apoio, torcida e orações a mim destinadas, sei o quanto se realizam com a minha felicidade e com os meus sonhos sendo concretizados. Vô, mesmo que o senhor tenha nos deixado em meio a essa jornada, eu tenho certeza do quanto está feliz e orgulhoso por sua neta, saiba que este título é nosso!

À minha família de forma geral e em especial à Padrinho Paulo, Madrinha Jó, Padrinho Maico e Titia Joelma, sou feliz por tê-los ao meu lado e por saber que sempre estão presentes minha vida, agradeço por todo o carinho, força e suporte familiar ao longo de mais esta etapa!

À minha amiga Joanna e toda sua família, em especial sua mãe quem acostumei chamar de “Tia Flora”, por terem me acolhido em Aracaju no início dessa trajetória e por ter me dado todo o suporte enquanto eu me estabilizava e encontrava uma nova morada. O cuidado e atenção de vocês foram fundamentais no início dessa caminhada e também no decorrer dela, uma vez que sempre tive a certeza que tinha a quem recorrer quando estava longe da minha família, afinal em vocês eu encontrei uma nova família!

Aos meus amigos e irmãos de coração Jéssica Félix e Kauan Montenegro, que sempre me apoiaram e foram grandes incentivadores/torcedores desde a minha entrada no Mestrado, que mesmo quando distantes, estavam próximos e me dando assistência, obrigada por tudo, pelo ombro amigo quando necessário, amor genuíno e por me salvar com as formatações rs. Aos meus amigos da infância, da vida adulta, do coração e de toda a vida, em especial à Luis Vinicius, Jennifer e Juliane, agradeço por todas contribuições e incentivos que recebi de vocês, cada um à sua maneira, mas que foram muito importantes no decorrer desta jornada.

Ao querido Leo, quem eu estou ligada por laços do coração, que sempre foi um porto seguro e ponto de paz ao longo dos dias difíceis desta trajetória. Obrigada por sua presença em minha vida, por todo cuidado e preocupação, principalmente por ser a calma que em muitos momentos eu precisei. Obrigada por acreditar tanto em mim e por sempre me incentivar a nunca desistir dos meus sonhos. Você é luz!

Ao meu Orientador Dr. Elder Cerqueira-Santos, exemplo de profissional ético e competente, por quem tenho tanto carinho e admiração, agradeço por todos ensinamentos e orientações, grande parte do meu crescimento acadêmico e enquanto pesquisadora devo a você. O meu encontro com Elder na pós graduação foi o verdadeiro significado da frase “Deus escreve certo, por linhas tortas”, uma vez que eu não havia o escolhido como orientador, mas acabei sendo direcionada para ele, e esse foi sem sombra de dúvidas o melhor acaso que a vida já me proporcionou. Muito obrigado por tudo Elder, você foi incrível!

Aos Professores membros da banca, Dr^a. Luciana Maria Maia Viana e Dr. Diogo Conque Seco Ferreira, agradeço por terem aceito o convite para avaliar o meu trabalho, bem como por todas as contribuições e pontuações desde o momento da qualificação, que se mostraram de grande relevância para o resultado final deste trabalho. Foi uma honra tê-los como avaliadores!

As minhas amigas de morada, Helen Kaline e Cíntia Layane, que tornaram os meus dias em Aracaju mais leves. Com vocês eu dividi mais do que um teto, eu dividi um misto de experiências e sentimentos que surgiram ao longo da jornada. Agradeço pelo vínculo que construímos, pela amizade, pelo afeto, pelos cafezinhos no final da tarde regado de boas conversas e risadas. Não tenho dúvidas de que mais do que companheiras de morada, eu ganhei duas amigas para a vida. Muito obrigada por tudo meninas!

Aos colegas do grupo de pesquisa SexUs-UFS, por toda partilha e contribuição acadêmica, foi um prazer dividir esses dois anos com pessoas tão dedicadas e comprometidas com a ciência e a pesquisa. Agradeço em especial a Jamille, Mozer, Jean e Baruc, pelo

acolhimento desde a minha chegada ao grupo, pelo laço construído e por toda disponibilidade em contribuir com o desenvolvimento do meu trabalho.

Aos colegas da minha turma de Mestrado, em especial à Mayza, Thaislla e Robert, agradeço pelo nosso encontro e por tornar mais leve esse ambiente da pós graduação. Obrigada pela amizade, companheirismo, pelas conversas no Moura (de cunho acadêmico ou não) regadas de muito café, afeto e boas risadas.

Aos professores da pós-graduação, em especial ao Professor Dr. André Faro e ao Professor Dr. Rodrigo Machado, por todo o conhecimento transmitido, os quais foram de grande relevância para a minha formação enquanto pesquisadora e futura docente, bem como para a construção desta dissertação.

Aos alunos do curso de Psicologia da UFS, pela receptividade e acolhimento durante o meu estágio docente. Ao tempo em que ensinei, também aprendi, saibam que todas as experiências vivenciadas com vocês no dia-a-dia da sala de aula ajudaram a construir a Professora Erica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa no meu segundo ano de Mestrado, facilitando o financiamento desta pesquisa.

A jornada não foi fácil, mas a presença significativa de cada um de vocês tornou todo o processo mais leve. Minha eterna gratidão!

“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.” (Rosa Luxemburgo)

RESUMO

Santos, E. K. S. (2021). *Estereótipos de gênero e julgamento de adolescente sobre profissões*. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

A cada ano, milhares de alunos se submetem aos processos seletivos para o ingresso na faculdade, os quais têm como marco a escolha profissional e de carreira. Destaca-se que a escolha profissional é multifatorial, incluindo variáveis sociais, econômicas, políticas e familiares. Nesse sentido, gênero tem sido apontado como uma variável relevante para ser estudada, dado que, o fenômeno de ligação entre determinadas profissões e gênero tem sido historicamente demarcado na sociedade em função da atribuição dos papéis de gênero. Nessa perspectiva, realizou-se a presente pesquisa com o objetivo de analisar como os estereótipos de gênero influenciam no julgamento de adolescentes acerca da existência de profissões masculinas e femininas. Para consecução do objetivo foram realizados três estudos. O primeiro estudo foi uma revisão integrativa da literatura, dos artigos publicados entre 2013 a 2018 nas bases Bvs Psi, Lilacs, PePsic e Scielo; que objetivou mapear e revisar a produção científica brasileira acerca do gênero na escolha profissional e de carreira. O debate apontou para o fato de que as construções sociais acerca de papéis de gênero contribuem para o desenvolvimento de crenças sobre as profissões, o que leva a ideia de que existem “profissões femininas” e “profissões masculinas”. O segundo estudo buscou encontrar evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para aplicação em adolescentes, para tal, foi realizado um estudo psicométrico, conduzido através de um *survey online*, do qual participaram 486 adolescentes de diferentes perfis sociodemográficos, com idade de 14 a 23 anos. Os resultados foram satisfatórios, uma vez que a escala apresentou propriedades psicométricas adequadas para o uso com a amostra em questão. O terceiro estudo analisou a influência dos estereótipos de gênero no julgamento de profissões vistas socialmente como masculinas ou femininas, sob a perspectiva de adolescentes em processo de escolha profissional. A coleta que contou com 486 participantes foi realizada através de um *survey online*, onde os participantes responderam a quatro instrumentos, entre eles a escala validada no estudo anterior. Os resultados apontaram uma rigidez nos estereótipos de gênero, uma vez que os adolescentes foram mais favoráveis quando a ocupação da vaga seguia um padrão de normatividade e rejeitaram o fato de uma mulher ocupar uma profissão socialmente masculina. Espera-se que esta dissertação possa contribuir com o desenvolvimento de futuras intervenções com

adolescentes em contextos educacionais, com vistas a desmistificar os efeitos dos estereótipos de gênero em relação as profissões.

Palavras-chave: Estereótipos. Gênero. Adolescentes. Escolha profissional. Profissões.

ABSTRACT

Every year, thousands of students submit to the selection processes for entry to college, which are marked by professional and career choice. It is important to point out that the professional choice is multifactorial, including social, economic, political and family variables. In this sense, gender has been pointed out as a relevant variable to be studied, given that the phenomenon of connection between certain professions and gender has been historically demarcated in society according to the assignment of gender roles. From this perspective, this research was carried out to analyze how gender stereotypes influence adolescents' judgments about the existence of male and female professions. Three studies were conducted to achieve the objective. The first study was an integrative literature review of articles published between 2013 and 2018 in Bvs Psi, Lilacs, PePsic and Scielo; which aimed to map and review the Brazilian scientific production about gender in professional and career choices. The debate pointed to the fact that social constructions about gender roles contribute to the development of beliefs about professions, which leads to the idea that there are "female professions" and "male professions". The second study sought to find evidence of the validity of the Inventory of Ambivalent Sexism (ISA) for application to adolescents. To this end, a psychometric study was conducted through an online survey in which 486 adolescents of different socio-demographic profiles participated, aged 14 to 23. The results were satisfactory, since the scale presented adequate psychometric properties for use with the sample in question. The third study analyzed the influence of gender stereotypes in the judgment of professions seen socially as male or female, from the perspective of adolescents in the process of professional choice. The data collection, which included 486 participants, was conducted through an online survey, where participants responded to four instruments, including the scale validated in the previous study. The results pointed to a rigidity in gender stereotypes, since adolescents were more favorable when the occupation of the position followed a normative pattern and rejected the fact that a woman occupies a socially masculine profession. It is hoped that this dissertation will contribute to the development of future interventions with adolescents in educational settings, with a view to demystifying the effects of gender stereotypes on professions.

Keywords: Stereotypes. Gender. Adolescents. Professional choice. Professions.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AFC	Análise Fatorial Confirmatória
AGFI	Goodness-of-fit index adjusted
ANOVA	Análise de variância
BBT	Berufsbilder Test
BBT-Br	Berufsbilder Test Brazil
BVS Psi	Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CD-SEI	Career Development Self-Efficacy Inventory
CFI	Comparative fit index
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COVID-19	Coronavírus disease 2019
DP	Desvio Padrão
DWSL	Diagonally weighted least squares
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GFI	Goodness-of-fit index
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISA	Inventário de Sexismo Ambivalente
ISSL	Inventário de Sintomas de Stress para Adulto
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
M	Média

MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
n	Número de observações/participações
OECD	Organization for Economic Cooperation and Development
ONU	Organização das Nações Unidas
p	Probabilidade de significância
PEPSIC	Periódicos Eletrônicos de Psicologia
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
r	Coefficiente de correlação
RMSEA	Root-Mean-Square Error of Aproximation
Sars-CoV-2	Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SDO	Escala de Orientação à Dominância Social
SDS	Self-Directed Search
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
SRMR	Standardized Root Mean Square Residual
t	Teste t de Student
TLI	Tucker Lewis Index

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Etapa do procedimento de seleção de artigos e quantidade em cada base de dados.....	25
Tabela 2. Identificação dos artigos recuperados segundo o título, autores, ano, periódico em que foram publicados e tipo de estudo.....	26
Tabela 3. Identificação dos instrumentos utilizados nos estudos.....	28
Tabela 4. Dados sociodemográficos.....	47
Tabela 5. Cargas fatoriais e estatísticas descritivas dos itens da ISA.....	48
Tabela 6. Correlações entre as escalas ISA e SDO-7.....	50
Tabela 7. Dados sociodemográficos.....	65
Tabela 8. Anova e testes t comparativo das médias do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA).....	67
Tabela 9. Anova e testes t comparativo das médias da Escala de Orientação à Dominância Social (SDO ₇).....	68
Tabela 10. Correlações de Pearson entre os escores dos cenários e as médias dos instrumentos (Escala de Papéis de Gênero, ISA, SDO ₇).....	71
Tabela 11. Regressão linear simples para escore em relação ao Cenário 3 (Engenharia Civil – Marta).....	73

SUMÁRIO

Introdução	17
Referências	20
Estudo 1: Estereótipo de gênero na escolha profissional e de carreira no contexto brasileiro	22
Introdução	22
Objetivo do estudo	26
Estratégias metodológicas dos estudos	27
Resultados	31
<i>Escolhas, interesses e gênero</i>	31
<i>Mercado de trabalho, carreira e gênero</i>	33
Considerações finais	34
Referências	36
Estudo 2: Evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para uso com adolescentes	40
Resumo	40
Abstract	41
Introdução	42
Método	44
<i>Participantes</i>	44
<i>Instrumentos</i>	44
<i>Procedimentos</i>	45
<i>Aspectos éticos</i>	46
<i>Análise de dados</i>	46
Resultados	46
<i>Dados sociodemográficos</i>	47
<i>Produção de evidências psicométricas</i>	48
<i>Evidências de validade de critério</i>	49
<i>Evidências de validade de convergente</i>	50
Discussão	50
Considerações finais	52
Referências	53

Estudo 3: A influência dos estereótipos de gênero na avaliação de profissões sob a perspectiva de adolescentes em processo de escolha profissional	56
Resumo	56
Abstract	57
Introdução	58
Método	61
<i>Delineamento.....</i>	<i>61</i>
<i>Participantes.....</i>	<i>61</i>
<i>Instrumentos</i>	<i>61</i>
<i>Procedimentos para coleta de dados.....</i>	<i>62</i>
<i>Aspectos éticos da pesquisa.....</i>	<i>63</i>
<i>Análise de dados.....</i>	<i>63</i>
Resultados.....	64
Discussão.....	74
Considerações finais	77
Referências	78
Integração dos estudos e considerações finais.....	83
Referências	86
Apêndice A: Questionário sociodemográfico	87
Apêndice B: Cenários	90
Anexo A: Escala de Papéis de Gênero	95
Anexo B: Inventário de Sexismo Ambivalente.....	96
Anexo C: Versão Brasileira da SDO7.....	98

Introdução

Nossa tarefa está firmada fundamentalmente por uma luta pela tomada de consciência.

LUTA: porque existem inimigos: no sistema, nos sujeitos, em nossos instrumentos conceituais e técnicos, em nós mesmos.

CONSCIÊNCIA: mas consciência de quê?

Da nossa condição de sujeitos, daquilo que nos determina...

Consciência de que nada se realiza em um país não realizado, de que não existe projeto pessoal independente de um projeto social.

(Rodolfo Bohoslavsky)

Escolher uma profissão para seguir é uma necessidade na nossa sociedade de produção e consumo. Nota-se que a cada dia os jovens têm mais dificuldades de escolher entre as opções disponíveis, especialmente quando da decisão pelo ensino superior (Lucchiari, 2017). Na nossa cultura, profissão é parte integrante da vida das pessoas e embora a escolha profissional seja responsabilidade de cada um, as consequências desta decisão podem ter implicações sociais (Soares, 2018). A passagem supracitada nos leva a reflexão da nossa condição de sujeito; sujeito biopsicossocial, que se constrói na relação com o outro e com a sociedade, sujeito de escolhas e de projetos pessoais, que muitas vezes são determinados por um projeto social. Locatelli, Bzuneck e Guimarães (2007) ilustram que estabelecer um projeto de vida é uma tarefa determinada social e culturalmente. Conforme os autores, há uma exigência psicossocial de que os jovens resolvam seu próprio futuro, especialmente em termos profissionais. No cumprimento dessa exigência o jovem é cercado por vários fatores que o influenciam, como a família, amigos, colegas, mídia, que podem tanto auxiliar quanto dificultar a construção de suas escolhas futuras.

Estudos indicam que a escolha profissional é influenciada por questões sociais, étnicas, culturais, econômicas, familiares, educacionais, psicológicas e de gênero (Neiva, Silva, Miranda, & Esteves, 2005; Nepomuceno & Witter, 2010). Para Lucchiari (2008), a escolha da profissão, independentemente da idade, sofre profundas influências, visto que recai sobre o sujeito toda a sua história de vida e de aprendizagem, bem como os valores e as crenças da sociedade da qual faz parte em seus aspectos temporais e culturais. Nessa fase, não estão apenas em jogo seus interesses e aptidões, mas também a maneira como se percebe o mundo, como se vê, as informações que possui acerca das profissões, as influências externas advindas do meio social, dos pares e da família.

A relação entre gênero e profissão ainda se mostra nos dias atuais como importante assunto a ser abordado, principalmente quando se fala em escolha profissional. Este fenômeno, o da ligação de determinadas profissões e gêneros, parece nascer da aproximação dos

comportamentos requeridos pela profissão ao conjunto de hábitos que é, ou deveria ser, segundo a sociedade, padrão do gênero. De acordo com a norma dominante, hábitos de comando ou chefia parecem estar intimamente ligados ou atribuídos ao gênero masculino ficando vedado, portanto, tais comportamentos ao gênero feminino. No entanto, os cuidados para com o outro e questões educacionais parecem ser atividades atribuídas ao gênero feminino, ficando estas atividades, por sua vez, relacionadas quase que exclusivamente a este gênero, sendo estas ações impedidas ao gênero oposto, isto é, o masculino (Praça & Souza-Leite, 2016).

De acordo com Louro (2012), a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito. Invisibilidade esta, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizam o mundo doméstico, como o verdadeiro universo da mulher, o qual já vinha sendo gradativamente rompida por algumas mulheres. Essa mesma autora afirma que, desde muito tempo, as mulheres de classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e na lavoura. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, de apoio, assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação.

Uma gama de reflexões pode ser levantada diante desse contexto, mas um destaque especial precisa ser dado para a escola, uma vez que esta instituição é formadora e reprodutora de valores, crenças e atitudes (Amaral, 2007). A escola deixou o seu papel disciplinador e passa a exercer um papel reprodutor da ordem social vigente, perpetuando muitas vezes os efeitos negativos de uma educação sexista, pautada no modelo androcêntrico, que traz sérias repercussões e problemáticas para a construção de papéis e de gênero. Segundo Louro (2012), a escola delimita espaços, servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui, informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.

Esse processo educativo leva o adolescente à construção de determinados pensamentos, comportamentos, atitudes e até mesmo escolhas que são pré-moldados conforme o que é ensinado e perpetuado na escola, na família e na sociedade, refletindo nas tomadas de decisão, inclusive para a escolha profissional e de carreira. Estudos recentes de Lima, Voig, Feijó, Camargo e Cardoso (2017) apontam que a escola é uma grande (re)produtora, como instituição normativa que é, em todos os seus níveis, do sexismo e dos papéis de gênero, do que é

socialmente considerado adequado e possível para um homem e para uma mulher, os modos adequados e possíveis de ser, agir, pensar, decidir, enfim, viver.

A escolha profissional e de carreira é decisória para a construção da identidade do adolescente, uma vez que ela influenciará o lugar que este adolescente irá ocupar na sociedade e no mercado de trabalho (Almeida & Pinho, 2008). Levando em consideração o que vem sendo reproduzido nas escolas e no quanto isso infere na construção do sujeito adolescente, cria-se uma ideia de que existem atributos femininos e masculinos que são apropriados pelo indivíduo, gerando crenças acerca da existência de profissões femininas e masculinas (Lima et. al, 2017). Nesse sentido, Lassance e Magalhães (1997) pontuam que apesar de parte das mulheres descrever o processo de desenvolvimento de carreira como natural, fatores profissionais ainda ocupam um lugar secundário no processo de formação do autoconceito feminino. Já os homens, segundo as autoras, tendem a ser educados para assumir um papel fortemente conectado ao desempenho no trabalho, à produtividade e ao sucesso profissional. Dessa forma, parte-se do pressuposto que a inclinação cultural para uma entrada mais enérgica dos homens no mundo do trabalho imponha a eles a exigência de uma diferenciação mais rápida do que as mulheres.

Nos dias atuais, essa divisão persiste, e foi demonstrado em um estudo recente de Viana (2016), cujo indica que, as pessoas ainda têm no seu imaginário uma visão de que homens devem se envolver em profissões que lhes possibilitem status e poder (Ciências Exatas), e as mulheres foram reservadas a atividades que possibilitem o cuidado com o outro (Ciências Humanas e da Saúde). Diante do exposto, no que se refere à gênero e escolha profissional, o presente estudo busca especificamente, responder à seguinte questão: Como os estereótipos de gênero influenciam no julgamento de adolescentes quanto à existência de profissões masculinas e femininas?

Cabe ressaltar que alguns construtos são fundamentais para entender a problemática deste trabalho, entre eles: estereótipos de gênero, sexismo e dominância social. Consideraremos as propostas de Natividade, Laskoski, Barros e Hutz (2014) que entendem que os estereótipos de gênero se configuram por crenças sobre o que caracteriza homens e mulheres que são reproduzidas pela maioria numa relação de dominância e exclusão. Glick e Fiske (1996) que compreendem o sexismo como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade, dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo. Pratto, Sidanius e Levin (2006) que discutem a teoria da “Orientação à Dominância Social”, a qual captura a extensão dos desejos dos indivíduos de dominar e a desigualdade com base nos grupos, esses desejos de domínio social são expressos em atos individuais de

discriminação e participação em processos intergrupais e institucionais que produzem melhores resultados para os dominantes do que para os dominados.

A partir desse panorama, desenvolveu-se a presente pesquisa com o objetivo de analisar a influência dos estereótipos de gênero no julgamento de adolescentes em processo de escolha profissional quanto à existência de profissões masculinas e femininas. Para contemplar o objetivo proposto, foram realizados três estudos: um estudo teórico, um estudo psicométrico e um estudo empírico. Destaca-se que os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes deste estudo foram assegurados, uma vez que o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CAAE: 28215819.3.0000.5546). O Estudo I, trata-se de uma revisão integrativa da literatura, composta por nove estudos publicados entre os anos de 2013 a 2018, com o intuito de mapear e discutir a influência do gênero na escolha profissional e de carreira. O Estudo II, trata-se de um estudo psicométrico que buscou evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente para uso com adolescentes. O Estudo III, refere-se a um estudo de caráter quantitativo, exploratório e analítico (*survey* com desenho quase-experimental de cenários), que buscou analisar a influência dos estereótipos de gênero no julgamento de profissões vistas socialmente como masculinas ou femininas, sob a perspectiva de adolescentes em processo de escolha profissional.

Referências

- Almeida, M. E. G. G. D., & Pinho, L. V. D. (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 173-184. doi: 10.1590/S0103-56652008000200013
- Amaral, V. L. D. (2007). *Psicologia da educação*. Natal, RN: EDUFRN.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. doi: 10.1037/0022-3514.70.3.491
- Lassance, M. C. P.; Magalhães, M. O. (1997). Gênero e escolha profissional. In: R.S. Levenfus (Org.). *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 47-61.
- Lima, F. I. A., Voig, A. E. G. T., Feijó, M. R., Camargo, M. L., & Cardoso, H. F. (2017). A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 19(1), 33-50. doi: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818

- Locatelli, A. C. D., Bzuneck, J. A., & Guimarães, S. É. R. (2007). A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 268-276. doi: 10.1590/S0102-79722007000200013
- Louro, G. L. (2012). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lucchiari, D. H. P. S. (2008). *O que é escolha profissional*. São Paulo: Brasiliense.
- Lucchiari, D. H. P. S. (2017). *Pensando e vivendo a orientação profissional* (9a ed.). São Paulo: Summus.
- Natividade, J. C., Laskoski, L. M., Barros, M. C., & Hutz, C. S. (2014). As diferenças sexuais podem fundamentar estereótipos de gênero? Deixem jovens de baixa escolaridade responderem. *Psicologia e Saber Social*, 3(1), 22-40. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/12201/9500>
- Neiva, K. M. C., Silva, M. B., Miranda, V. R., & Esteves, C. (2005). Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 1-14. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100002
- Nepomuceno, R. F., & Witter, G. P. (2010). Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 15-22. doi: 10.1590/S1413-85572010000100002
- Praça, M. A. M., & Souza-Leite, C. R. V. D. (2017). A relação profissão e gênero, a sociedade e sua cultura. *Plures Humanidades*, 18(1). Recuperado de <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/332/228>
- Pratto, F., Sidanius, J., & Levin, S. (2006). Social dominance theory and the dynamics of intergroup relations: Taking stock and looking forward. *European Review of Social Psychology*, 17(1), 271–320. doi:10.1080/10463280601055772
- Soares, D. H. P. (2018). *A Escolha Profissional: do jovem ao adulto* (4a ed.). São Paulo: Summus.
- Viana, H. A. (2016). *Sexismo na docência universitária: evidências da persistência dos estereótipos de gênero* (Dissertação de Mestrado não publicada) Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

Estudo 1:

Estereótipo de gênero na escolha profissional e de carreira no contexto brasileiro

Introdução

A cada ano, milhares de estudantes se submetem aos processos seletivos para o ingresso nas universidades, os quais têm como marco a escolha profissional e de carreira. Segundo dados do INEP (2018), a edição 2018 do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) recebeu 6.774.891 inscrições; quanto ao perfil dos participantes, 59,1% dos inscritos confirmados eram do sexo feminino e 40,9% do sexo masculino. A escolha profissional pode ser considerada como um fato social que integra o indivíduo ao mundo do trabalho, a partir de suas habilidades e competências. Seu objetivo é uma sincronização entre o universo do trabalho e a realização pessoal, cujas raízes situam-se no mundo lúdico da infância, que Dejours (1994, apud Silva, 2006) denomina “teatro da infância”, quando as crianças brincam de faz-de-conta sobre profissões, para posteriormente acontecer o exercício de busca de satisfação no mundo dos adultos, no “teatro do mundo do trabalho”.

O cultivo do projeto vital juvenil carrega um paradoxo. Os jovens devem descobrir seus projetos vitais pessoais, com base em seus interesses e crenças. Ainda assim, suas descobertas são guiadas por outras pessoas, e os projetos vitais que eles descobrem são inevitavelmente formatados pelos valores que encontram na cultura em torno deles. O paradoxo é que o projeto vital é tanto um fenômeno profundamente pessoal quanto inevitavelmente social. É construído internamente, ainda que se manifeste na relação com os outros. É fruto de reflexão interna, ainda que também seja de exploração externa. Quando um projeto vital está totalmente formado, reflete aspirações genuínas do *eu* quanto necessidades práticas do mundo além do *eu* (Damon, 2009). De acordo com Lucchiari (2008), a escolha da profissão, independentemente da idade, sofre profundas influências sociais, visto que recai sobre o sujeito toda a sua história de vida e de aprendizagem, bem como os valores e as crenças da sociedade da qual faz parte em seus aspectos temporais e culturais. Nesta fase, não estão apenas em jogo seus interesses e aptidões, mas também a maneira como se percebe o mundo, como se vê, as informações que possui acerca das profissões, as influências externas advindas do meio social, dos pares e, principalmente, da família.

Segundo Bock (2002), a questão da escolha de uma profissão ou ocupação não se constitui como um problema universal da cultura humana. Isto é, só recentemente, levando-se em conta a história da humanidade, os humanos colocam a questão “do que fazer para alcançar sua sobrevivência”. Os ancestrais da humanidade viviam para sobreviver ou sobreviviam para viver, isto é, seu trabalho organizava-se como atividade de coleta e mais tarde de caça, e não havia muita diferenciação de funções, a não ser aquelas determinadas pelo sexo e, conseqüentemente, causadas pela especificidade orgânica na reprodução da espécie. A vida tribal, como pode ser verificada até hoje nos descendentes destes primeiros humanos que mantiveram e preservaram suas culturas, não prevê e nem pressupõe atividades e ocupações distintas entre seus membros, havendo apenas uma hierarquia no que se refere aos assuntos de guerra e aos cuidados com a saúde, funções que são exercidas por questão de bravura e/ou idade avançada e que alcançam grande respeitabilidade entre indivíduos da comunidade. De fato, a caça é atribuição dos homens, pelo vigor físico e possibilidade de deslocamento ágeis que possuem, uma vez que as mulheres estão encarregadas do cuidado dos filhos. De acordo com Louro (2012), a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito. Invisibilidade esta, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizam o mundo doméstico, como o verdadeiro universo da mulher, o qual já vinha sendo gradativamente rompida por algumas mulheres. Essa mesma autora afirma que desde muito tempo, as mulheres de classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e na lavoura. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, de apoio, assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação.

De acordo com Bohoslavsky (2007), se é certo que nossa sociedade se desenvolve em direção à igualdade de oportunidades ocupacionais para homens e mulheres, não é menos certo que as ocupações não são consideradas como sexualmente neutras. Há ocupações consideradas socialmente mais ou menos “masculinas” ou “femininas” e o adolescente integra essa valoração em sua identidade ocupacional. Os padrões culturais quanto ao papel social do homem e da mulher vão se interiorizando ao longo das etapas da gênese da identidade ocupacional do adolescente e desempenham um papel importante como causas de gostos, interesses, atitudes e inclinações.

Neste sentido entende-se que a formação de estereótipos (Stangor & Shaller, 2000) impõe um conjunto de características a determinados grupos sociais, e que a cultura ocidental criou tais grupos baseada nas diferenças de gênero. As profissões são assim associadas aos grupos binários (masculino e feminino), formando uma espécie de categorização social. Segundo Tajfel (1982), a categorização social permite reunir objetos, pessoas ou acontecimentos sociais em grupos “que são equivalentes no que diz respeito às ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (pp. 288-289).

A partir desse panorama, esse estudo busca mapear e revisar a produção científica brasileira acerca do Gênero na Escolha Profissional e de Carreira. Acredita-se que no Brasil, os projetos de vida relacionados à escolha profissional e de carreira perpassa por uma questão cultural muito específica, que contribui significativamente para a reprodução de lugares sociais diferentes para homens e mulheres a partir da atribuição de papéis de gênero, levando a construção de crenças e comportamentos que influenciam nos interesses e nas escolhas.

Como o objetivo da revisão foi recuperar trabalhos desenvolvidos no contexto nacional, foram consultadas as bases Bvs Psi, Lilacs, PePsic e Scielo, que são consideradas as principais bases de acesso aberto no Brasil. Nesta revisão, foram selecionados apenas os artigos indexados, visto que estes passam por um processo de avaliação rigorosa. Sendo assim, foram excluídos artigos não indexados, livros, capítulos de livros, resumos publicados em anais de congressos, teses e dissertações, monografias, resenhas e notícias. Foram descartados aqueles que não se relacionavam ou não se aproximavam do tema gênero na escolha profissional e de carreira. Foram incluídos trabalhos concernentes ao assunto, sem restrição de idioma, sendo publicado em revista brasileira. O período selecionado foi de 2013 a 2018, buscando priorizar a produção recente acerca do tema.

A etapa de levantamento de artigos ocorreu no primeiro semestre de 2019. Foram utilizados os descritores: gênero e escolha profissional, gênero e orientação profissional, sexo e escolha profissional, sexo e orientação profissional. Em um primeiro momento, foi realizada a leitura dos títulos dos artigos, excluindo aqueles que não tinham nenhuma relação com os descritores, ou até mesmo que traziam o termo escolha/orientação profissional, mas que não estavam relacionados com gênero/sexo. Posterior ao rastreamento pelo título dos artigos, foi realizada uma leitura minuciosa dos resumos de todos os artigos que possuíam relação com os descritores. Após essa leitura minuciosa dos resumos, os artigos compatíveis com o tema de pesquisa foram selecionados e lidos na íntegra. Em seguida, o investigador principal criou uma lista de categorias de análise, as quais foram posteriormente analisadas pelo segundo

investigador. Assim, as duas categorias definidas foram: Escolhas, interesses e gênero e Mercado de trabalho, carreira e gênero.

A Tabela 1 permite visualizar os passos do procedimento de seleção dos artigos e sua recuperação na íntegra a partir dos descritores utilizados. Apresenta-se o número de artigos encontrados em cada base de dados, a quantidade de artigos removidos por não atender aos critérios de inclusão/exclusão e o número de artigos selecionados para análise. Na etapa final, após examinar os artigos selecionados, notou-se que os estudos se repetiam em todas as bases, assim, foram recuperados um total de 9 artigos.

Tabela 1. Etapa do procedimento de seleção de artigos e quantidade em cada base de dados.

Descritores	BVS - Psi	Lilacs	PePsic	SciELO
Gênero e escolha profissional	20	14	0	2
Gênero e orientação profissional	42	32	3	0
Sexo e escolha profissional	26	21	1	2
Sexo e orientação profissional	64	52	6	0
Total de artigos encontrados em cada base	152	119	10	4
Removidos de acordo com os critérios de inclusão/exclusão	136	107	6	1
Selecionados para análise	16	12	4	3
Total de artigos recuperados				9

A Tabela 2 permite identificar a amostra de artigos recuperados em termos de título, autores, ano de publicação, periódico e tipo de estudo. Sete artigos são de cunho empírico e dois de caráter teórico. Do ponto de vista da população investigada, os estudos empíricos incluíram: estudantes do sexo feminino que foram atendidas em um serviço de Orientação Profissional (Shimada & Melo-Silva, 2013), professores do sexo masculino (Rabelo, 2013), estudantes do ensino médio (Gonzaga & Lipp, 2014), estudantes do 3º ano do ensino médio (Leal, Melo-Silva, & Teixeira, 2015), casais em um relacionamento estável cujo o marido é bancário (Oltramari, Grisci, & Eccel, 2015), estudantes de um curso técnico de agropecuária (Salvaro, Quadros & Estevam, 2016) e estudantes finalistas do ensino fundamental (Resende & Pasion, 2017). No que se refere ao ano de publicação, os anos de 2013/2015/2017 se destacaram com duas publicações, os demais 2014/2016/2018 tiveram apenas uma publicação. As revistas Avaliação Psicológica, Revista Brasileira de Orientação Profissional e Psicologia & Sociedade tiveram dois estudos publicados. As demais: Educar em Revista, Psicologia Argumento e Cadernos de pesquisa tiveram apenas um estudo publicado.

Tabela 2. Identificação dos artigos recuperados segundo o título, autores, ano, periódico em que foram publicados e tipo de estudo.

	Título	Autores	Ano	Periódico	Tipo de estudo
1	Interesses profissionais e papéis de gênero: escolhas femininas no BBT-Br	Shimada e Melo-Silva	2013	Avaliação Psicológica	Empírico
2	Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Avieiro-Portugal	Rabelo	2013	Educar em Revista	Empírico
3	Relação entre escolha profissional, vocação e nível de estresse em estudantes do ensino médio	Gonzaga e Lipp	2014	Psicologia Argumento	Empírico
4	Crenças para lidar com tarefas de carreira em estudantes do ensino médio	Leal, Melo-Silva e Teixeira	2015	Avaliação Psicológica	Empírico
5	Career and Family life: a study of bank executives	Oltramari, Grisci e Eccel	2015	Revista Brasileira de Orientação Profissional	Teórico-Empírico
6	Projetos profissionais de estudantes de um curso técnico em agropecuária	Salvaro, Quadros e Estevam	2016	Psicologia & Sociedade	Empírico
7	Escolhas profissionais e impactos no diferencial salarial entre homens e mulheres	Madalozzo e Artes	2017	Cadernos de Pesquisa	Teórico
8	Inclinações motivacionais de adolescentes concluintes do ensino fundamental em Manaus a partir do BBT-Br	Resende e Pasian	2017	Revista Brasileira de Orientação Profissional	Empírico
9	Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade	Barros e Mourão	2018	Psicologia & Sociedade	Teórico

Objetivo do estudo

Em relação aos objetivos dos artigos recuperados, Shimada e Melo-Silva (2013) buscaram compreender os interesses profissionais de ex-usuárias de um Serviço de Orientação Profissional por meio do Teste de Fotos de Profissões – BBT-Br, debatendo à luz da literatura científica sobre gênero e suas influências nos comportamentos vocacionais, bem como discutir as implicações e possibilidades para o trabalho de orientador profissional. Muito próximo disso, Resende e Pasian (2017) tinha como objetivo avaliar as estruturas de inclinação motivacional de estudantes concluintes do ensino fundamental, identificando os perfis de interesses desse nível de ensino a partir dos indicadores do BBT-Br, levantando ainda os dados relativos à fidedignidade do teste.

Três estudos objetivaram comparar os resultados por gênero. O trabalho de Gonzaga e Lipp (2014) verificou a relação entre escolha, vocação e estresse em estudantes na fase de escolha profissional. Analisar a confiança com que estudantes do ensino médio lidam com tarefa de desenvolvimento de carreira era o que visava o estudo de Leal, Melo-Silva e Teixeira (2015). O artigo de Salvaro, Quadros e Estevam (2016) teve como objetivo descrever como se constituem projetos profissionais de jovens rurais estudantes de cursos técnicos em agropecuária a partir de uma perspectiva de gênero.

Tendo como foco as questões relacionadas à carreira, o artigo de Rabelo (2013) buscou descrever algumas considerações sobre os poucos professores do sexo masculino que trabalham no ensino primário, averiguando os motivos e consequências da escolha profissional destes docentes que se enveredam por uma área tipicamente associada ao feminino. Oltramari, Grisci e Eccel (2015) procuraram descrever as implicações da escolha de uma carreira bancária no compartilhamento de trabalho doméstico e suas consequências na vida profissional da mulher, o que eventualmente corrobora o papel dos homens como provedores. Madalozzo e Artes (2017) buscaram entender os dois principais fatores ligados à escolha profissional: o perfil dos indivíduos que optam por diferentes ocupações (tipificação das ocupações por gênero) e a consequente diferenciação da remuneração dessas pessoas tanto por suas características pessoais (gênero) como pelas escolhas ocupacionais. O estudo mais recente da revisão, o de Barros e Mourão (2018) procurou apresentar o panorama da participação feminina na sociedade brasileira, com especial atenção para a educação superior e o mercado de trabalho.

Estratégias metodológicas dos estudos

Na presente revisão de literatura foram identificados seis estudos empíricos (Shimada & Melo-Silva, 2013; Rabelo, 2013; Gonzaga & Lipp, 2014; Leal, Melo-Silva, & Teixeira, 2015; Salvaro, Quadros, & Estevam, 2016; Resende & Pasian, 2017), dois estudos teóricos (Madalozzo & Artes, 2017 e Barros & Mourão, 2018) e um estudo teórico-empírico (Oltramari, Grisci, & Eccel, 2015).

Os estudos recuperados utilizaram instrumentos e medidas de avaliação para atingir os seus respectivos objetivos. Cabe ressaltar que, alguns autores utilizaram instrumentos específicos do campo da Orientação Profissional e de Carreira (Shimada & Melo-Silva, 2013;

Gonzaga & Lipp, 2014; Leal, Melo-Silva, & Teixeira, 2015; Resende & Pasian, 2017). A tabela 3 permite identificar os instrumentos utilizados em cada estudo por seus respectivos autores.

Tabela 3. Identificação dos instrumentos utilizados nos estudos.

Autores	Tipo de estudo	Instrumentos utilizados
Shimada e Melo-Silva	Empírico	1. Roteiro de Triagem 2. Resumo de Atendimento 3. Teste de Fotos de Profissões - BBT-Br
Rabelo	Empírico	1. Entrevistas narrativas semiestruturadas 2. Questionário objetivo e subjetivo
Gonzaga e Lipp	Empírico	1. Questionário de Autoavaliação da Escolha Profissional 2. Questionário de Busca Autodirigida 3. Inventário de Sintomas de Stress para Adulto – ISSL
Leal, Melo-Silva e Teixeira	Empírico	1. Career Development Self-Efficacy Inventory (CD-SEI)
Oltramari, Grisci e Eccel	Teórico - Empírico	1. Entrevistas
Salvaro, Quadros e Estevam	Empírico	1. Questionário
Madalozzo e Artes	Teórico	1. Dados do IBGE
Resende e Pasian	Empírico	1. Teste de Fotos de Profissões - BBT-Br
Barros e Mourão	Teórico	1. Revisão da literatura brasileira e estrangeira

As autoras Shimada e Melo-Silva (2013) ao realizar seu estudo junto as ex-usuárias de um Serviço de Orientação Profissional utilizaram um roteiro de triagem, um resumo de atendimento e o Teste de Fotos de Profissões – BBT (Berufsbilder Test), este é um método projetivo para a clarificação da inclinação profissional, criado por Martin Achtnich (1991). O BBT é o único método projetivo aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia para utilização em Orientação Profissional, entre os instrumentos disponíveis na área para uso e comercialização (CFP, 2013), sendo que neste estudo utilizou-se sua versão feminina (Jacquemin, Okino, Noce, Assoni, & Pasian, 2006). Ressalta-se que o BBT-Br apresenta adequadas evidências de validade junto ao contexto sociocultural brasileiro. Achtnich (1991) propôs oito fatores, ou radicais de inclinação, como os elementos básicos para se classificar as tendências motivacionais, as inclinações e os interesses das pessoas. Esses radicais, em conjunto com variáveis ambientais e socioculturais, influenciariam as escolhas dos indivíduos, inclusive as vocacionais. No BBT, a estrutura de inclinação profissional seria elaborada a partir da classificação, por parte do orientando, das 96 fotos que compõem o teste em três grupos: fotos que o agradam (escolhas positivas), fotos que o desagradam (escolhas negativas) e fotos que o deixam indeciso ou indiferente (escolhas neutras). Os radicais de inclinação propostos por Achtnich (1991) são: W: relacionado à ternura, feminilidade, sensibilidade e necessidade

de tocar; K: relacionado à força física, dureza e agressividade; S: subdividido em: Sh - disponibilidade em ajudar, curar, interesse pelo outro e Se - energia, dinamismo, necessidade de movimento, coragem; Z: necessidade de mostrar (a si e ao produto do seu trabalho), de representar, de admirar a beleza e a estética; V: relacionado com a razão, inteligência, objetividade e necessidade de conhecimento; G: intuição, criatividade, ideia, imaginação; M: relacionado à matéria, à substância e posse (afetiva e material); O: subdividido em Or (necessidade de falar e de comunicar) e On (necessidade de nutrir, alimentar).

O estudo de Resende e Pasian (2017) com alunos do nono ano do ensino fundamental utilizou o mesmo instrumento que Shimada e Melo-Sila (2013), o Teste de Fotos de Profissões BBT, porém agora na versão masculina e feminina. Os dados desse estudo derivaram das versões feminina e masculina do *Teste de Fotos de Profissões BBT* (Achnich, 1991), adaptadas ao Brasil por Jacquemin (2000, forma masculina) e por Jacquemin et al. (2006, forma feminina). Esse instrumento de avaliação psicológica possui natureza projetiva e proporciona, a partir da frequência de distribuição de escolhas positivas, negativas e neutras de fotos e dos radicais (representados em cada foto), a elaboração das estruturas de inclinação motivacional (primária e secundária, positiva e negativa) do indivíduo. As versões masculina e feminina do BBT-Br são compostas por 96 fotos que representam diferentes profissionais em situação de trabalho. Cada foto representa um fator motivacional principal (letra maiúscula – motivação profissional) e um radical secundário (letra minúscula – ambientes e objetos de trabalho), derivados dos radicais propostos por Achnich, a saber: W, K, S, Z, V, G, M e O.

Rabelo (2013) ao investigar a figura do professor do sexo masculino realizou entrevistas narrativas semiestruturadas e utilizou ainda um questionário objetivo e subjetivo, com questões fechadas (de vários tipos: questões dicotômicas de sim e não, de múltipla escolha, de escala de valores) e outras abertas. O estudo realizou uma análise qualitativa do material obtido nas entrevistas e questionário.

Gonzaga e Lipp (2014) na pesquisa com estudantes em fase de escolha profissional utilizaram o Questionário de Autoavaliação da Escolha Profissional adaptado ao modelo de Questionário de Escolha Profissional, de Gabaldi (2002), do Instrumento de pré e pós-intervenção, de Moura (2008), baseado no modelo de Vasconcelos e Oliveira (2004), e do instrumento de avaliação das perspectivas de futuro entre adolescentes de Oliveira, Pinto e Souza (2003). O mesmo estudo utilizou também o Self-Directed Search - SDS de Primi, Mansão, Muniz e Nunes (2010), traduzido como Questionário de Busca Autodirigida, que sistematiza uma tipologia profissional, e proposto por seis tipos: Realista (R), Investigativo (I),

Artístico (A), Social (S), Empreendedor (E) e o Convencional (C), chamada de RIASEC. E também o Inventário de Sintomas de Stress para Adulto – ISSL (Lipp, 2005).

No estudo de Leal, Melo-Silva e Teixeira (2015) foi utilizada a versão brasileira do Career Development Self-Efficacy Inventory – CD-SEI (Aguillera, 2013), cuja versão original é chinesa, de Hong Kong (Yuen, Gysbers, Chan, et al., 2004; Yuen, Gysbers, Hui, et al., 2005). O CD-SEI avalia a confiança dos estudantes para lidarem com as tarefas de carreira, designadamente as que caracterizam a fase de exploração (Super, 1990). De acordo com os autores (Yuen, Gysbers, Chan, et al., 2004), as escalas do CD-SEI (Planejamento de Carreira, Questões de Gênero na Carreira, Informação para Escolha Profissional, Preparação para Busca de Emprego, Procura de Emprego e Definição de Objetivos) representam as competências necessárias para a transição da escola para o mundo do trabalho.

O estudo de Oltramari, Grisci e Eccel (2015) com casais foi realizado por meio de entrevistas com os executivos bancários e suas esposas. Foram incluídos 14 participantes (7 casais) e realizadas entrevistas individuais em profundidade, que duraram cerca de 60 minutos e seguiram um roteiro para executivos e suas esposas, que incluiu os seguintes aspectos: rotina cotidiana da família, percepção das esposas sobre a construção das carreiras de seus maridos, ajudar nas tarefas domésticas, cuidados de saúde da família, participação da família no percurso profissional do executivo.

O trabalho de Salvaro, Quadros e Estevam (2016) com jovens estudantes de um curso técnico em agropecuária foi realizado através de questionário. O artigo original não apresenta especificações sobre o método com procedimentos de pesquisa.

Na pesquisa de Madalozzo e Artes (2017) com o intuito de analisar o diferencial salarial sob a ótica ocupacional, os autores usaram dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – PNAD – 2013 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2014). Foram realizadas estatísticas descritivas sobre a situação nacional.

O trabalho de Barros e Mourão (2018) discutiu teoricamente a participação feminina na sociedade brasileira com ênfase na educação superior e mercado de trabalho. Para tal, foram apresentadas estatísticas geradas pelas seguintes entidades: CAPES, CNPq, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Inep, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Resultados

A seguir são descritos os principais resultados encontrados pelos estudos em análise. Tais resultados estão aqui divididos em duas categorias: “Escolhas, interesses e gênero” e “Mercado de trabalho, carreira e gênero”.

Escolhas, interesses e gênero

Gênero, nível educacional e situação socioeconômica são variáveis relevantes em investigações sobre a escolha de carreira, conforme aponta Shimada e Melo-Silva (2013) no estudo com ex-usuárias de um Serviço de Orientação Profissional. Os achados indicaram que, de uma forma geral, as estruturas de inclinações apontadas nos testes das participantes se assemelham aos encontrados por Jacquemin et al. (2006), nos estudos normativos da Forma Feminina do BBT-Br. Ficou evidenciado no estudo o interesse por atividades relacionadas à ajuda e ao cuidado com o outro (demonstrados pela elevada escolha dos radicais S e w do BBT-Br), características apontadas na literatura como socialmente esperadas para o papel feminino. Já os radicais rejeitados se relacionam com agressividade (K), bem como a ambientes profissionais caracterizados pela organização e racionalidade (v).

A conclusão do ensino fundamental é marcante evento na vida do jovem, abrindo caminho para as escolhas educacionais e de carreira, requerendo autoconhecimento e informações das profissões, conforme elucidado por Resende e Paisan (2017). Partindo desse pressuposto, as autoras buscaram caracterizar inclinações motivacionais de estudantes do nono ano do ensino fundamental também a partir do BBT-Br, agora utilizando as versões feminina e masculina. As principais motivações do grupo feminino envolveram atividades profissionais vinculadas a contato interpessoal e ajuda ao outro (S), pensamento criativo e abstrato (G), raciocínio lógico e pensamento organizado (V). Na estrutura secundária positiva (que revela preferência por ambientes, locais e objetos de trabalho) as estudantes apontaram apreciar locais que ofereçam possibilidade de contato interpessoal e trabalhos com objetos suaves e utilizando o tato (w), instituições de ajuda (educacional ou de saúde) e disponibilidade para o cuidado ao outro e/ou que requeiram energia psíquica (s), mas também locais fechados em que se possa expor a criatividade e agir com espontaneidade (g). No que se refere ao grupo masculino, as inclinações profissionais se caracterizaram pelo pensamento criativo, curiosidade, pesquisa e abstração (G), relacionamentos interpessoais e ajuda ao outro (S) e raciocínio lógico e organizado (V). Na estrutura secundária masculina, que revela as preferências por locais e

objetos de trabalho, as preferências sugeriram locais como instituições de ajuda (*s*), oficinas e indústrias e trabalho com materiais resistentes (*k*) e que utilizem a comunicabilidade e o trabalho em interação com outras pessoas (*o*). O estudo conclui que existe semelhança nos radicais que compõem a estrutura de inclinação motivacional feminina e masculina dos concluintes do ensino fundamental (G, S, V), apenas com alteração na ordem de aparecimento de cada um deles. Entretanto, em relação aos ambientes, locais e objetos de trabalho (expressos nos radicais da inclinação secundária positiva) foi possível notar preferências particulares em função do sexo, sendo (*w z m*) para as adolescentes de sexo feminino e (*s k v*) para os adolescentes do sexo masculino. Esses resultados evidenciam especificidades nas escolhas por atividades profissionais em função do sexo nesses estudantes.

A escolha profissional se constitui como um processo contínuo composto de decisões tomadas ao longo de vários anos da vida, é o que destaca Gonzaga e Lipp (2014) em sua pesquisa com estudantes do ensino médio. Verificou-se no estudo que 72,97% dos participantes estavam estressados. Observou-se que as mulheres apresentaram uma maior incidência de estresse (70,37%) quando comparadas aos homens (29,63%), embora a diferença entre eles não tenha sido significativa quando analisada pelo Teste Exato de Fisher ($p = 0,132$). Com relação aos dados referentes à tipologia profissional dos estudantes, a amostra apresentou uma prevalência do tipo Artístico (A) com 46%, e a prevalência mais baixa foi do tipo Realista (R) com 34%. Na análise referente à congruência entre a tipologia profissional avaliada pelo Self-Directed Search (SDS) e a escolha profissional do candidato, foi apontada uma percentagem de 56,76% para congruência e 43,24% para incongruência. No entanto, ao se comparar a congruência entre a escolha e a vocação com o gênero dos participantes foram encontradas diferenças significativas, sendo que as respondentes mulheres apresentaram menor congruência entre a escolha e o perfil vocacional.

A relação entre crenças para lidar com as tarefas de carreira e o construto de autoeficácia, foi vista no estudo de Leal, Melo-Silva e Teixeira (2015), quando investigou estudantes do ensino médio regular e técnico pertencentes a diferentes níveis socioeconômicos. Nesse estudo, os alunos do ensino médio, independentemente de frequentarem ensino regular ou técnico apresentaram crenças equivalentes de autoeficácia em desenvolvimento da carreira. Em relação à variável sexo, também não foram encontradas diferenças significativas entre moças e rapazes na percepção da autoeficácia em desenvolvimento de carreira, o que sugere que ambos os grupos apresentam percepções semelhantes quanto às suas capacidades nesse domínio.

Salvaro, Quadros e Estevam (2016) analisa projetos profissionais de jovens estudantes de um curso de agropecuária na interface com subjetividades, relações de gênero e reprodução da agricultura familiar. Fica evidente no estudo que os aspectos socioeconômicos, culturais e subjetivos, na interface com normas de gênero e geração, entre outros marcadores, estão envolvidos na produção e nas condições de tais projetos. Trata-se de um espaço de formação com um predomínio masculino, ainda que se constate um aumento da presença feminina no curso. Sobre tal aspecto, não se pode desconsiderar a relação que se estabelece entre trabalho e gênero, historicamente, produtora de determinada divisão sexual do trabalho, que dizem das diferentes posições ocupadas por mulheres e homens na organização social do trabalho.

Mercado de trabalho, carreira e gênero

Considerando a participação feminina na educação, Barros e Mourão (2018) abordam que atualmente no Brasil, as mulheres são maioria entre os estudantes da educação superior, fato que deriva da maior escolarização feminina em geral, haja vista elas somarem 52% das matrículas no ensino médio no ano de 2015 (CAPES, 2016). Os autores ainda salientam que as diferenças nos percentuais de homens e mulheres na educação superior, em termos de distribuição por gênero, não se restringem à graduação. Na pós-graduação *stricto sensu* há, também, um expressivo desequilíbrio nas escolhas feitas por homens e mulheres. Dados da Plataforma Lattes do CNPq (2016) apontam diferenças percentuais entre os currículos cadastrados, as Ciências da Saúde e as Ciências Humanas concentram, respectivamente, 17,6% e 18,4% das mulheres doutoras contra 12,4% e 12,7% dos homens.

No que diz respeito às associações de profissões com o gênero masculino/feminino, o estudo de Rabelo (2013) traz contribuições acerca da figura do professor do sexo masculino que trabalha no ensino primário. A autora afirma que existem formas diferentes de enxergar o mundo, a diferenciação de gêneros acaba trazendo implicações para o magistério, principalmente nos discursos das competências necessárias para ensinar crianças mostrando-os como atributo feminino, desta forma, o sexo masculino historicamente diminuiu drasticamente a sua participação nos setores educativos, tanto na área administrativa quanto na atuação pedagógica junto às crianças. E que, diante de tantas dúvidas e preconceitos, muitos professores se veem desmotivados e ambicionam mudar de carreira. Um dado importante levantado pela autora, refere-se ao fato de que a presença do professor do sexo masculino na docência do ensino primário é uma forma de inserir as questões de gênero na educação e demonstrar às crianças na escola que o homem também pode escolher essa atividade e ter sucesso.

Oltramari, Grisci e Eccel (2015) trazem contribuições sobre carreira e vida familiar, mais especificamente sobre a carreira de executivos bancários e as consequências para a vida profissional das mulheres/esposas frente à mobilidade geográfica que os bancos impõem. Dessa forma, as esposas são responsáveis pela reorganização da vida doméstica, pelo cuidado com as crianças, pela relativa disponibilidade à mobilidade espacial e pelo apoio dado à carreira bancária de seus maridos, mesmo que isso resulte na desistência da delas. Reafirmando os achados no estudo, Connell (1998, apud Oltramari, Grisci, & Eccel, 2015), “a ordem mundial de gênero é inegavelmente patriarcal”.

Interessados em analisar o diferencial salarial sob a ótica da segregação ocupacional e o impacto da escolha de profissões tradicionais no diferencial de remuneração Madalozzo e Artes (2017) concluíram que escolhas profissionais implicam remunerações potencialmente diferentes ao longo do tempo. As características dos indivíduos que trabalham em ocupações “imperiais” (Direito, Engenharia e Medicina), em comparação aos que atuam em outras ocupações são bastante distintas. Uma variável de grande relevância nesse estudo é a variável “sexo”, nesse sentido, foi possível concluir que as mulheres recebem remuneração inferior aos homens, mas essa remuneração é mais próxima quando as mulheres exercem profissões imperiais ou quando trabalham no setor público.

Considerações finais

Os resultados desta revisão mostram um número pouco expressivo de estudos recentes acerca da influência do estereótipo de gênero na escolha profissional e de carreira. Cabe ressaltar que a busca foi realizada apenas em bases nacionais, o que limitou a quantidade de estudos encontrados. Todavia, nem todas as publicações encontradas compuseram o *corpus* de análise desta revisão, levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão propostos. Aqueles que foram selecionados para este estudo eram todos nacionais e em sua maioria publicados em língua portuguesa, com exceção de um estudo que foi publicado em língua inglesa.

Foi possível observar que, os estudos empíricos utilizaram instrumentos psicométricos para avaliar os interesses profissionais e os construtos correlatos. Alguns artigos mencionaram recorrer a testes psicológicos (BBT-Br); inventários (Inventário de Sintomas de Stress - ISSL, Inventário de Autoeficácia em Desenvolvimento de Carreira); questionários (Questionário de Autoavaliação da Escolha Profissional, Questionário de Busca Autodirigida); roteiros de

triagem e entrevistas; os quais posteriormente foram codificados para a realização das análises estatísticas.

De um modo geral, os resultados deste estudo apontam para diferenças de gênero em diversas facetas na área da Orientação Profissional e de Carreira. Na adolescência, meninos e meninas em processo de escolha profissional, se diferem quanto aos interesses profissionais (Resende & Pasian, 2017; Shimada & Melo-Silva, 2013), quanto ao estresse durante o processo de escolha profissional (Gonzaga & Lipp, 2014) e quanto à inserção em espaços que são predominantemente ocupados pelo gênero oposto (Salvaro, Quadros, & Estevam, 2016). Na vida adulta, diferenças significativas quanto à carreira e gênero também foram observadas nessa revisão, entre elas: a participação feminina na educação superior, com especial atenção para a pós-graduação *stricto sensu*, onde há um expressivo desequilíbrio nas escolhas feitas por homens e mulheres (Barros & Mourão, 2018); o preconceito na figura do professor do sexo masculino que trabalha no ensino primário (Rabelo, 2013); a vida profissional das mulheres/esposas de executivos bancários que acabam desistindo da própria carreira para apoiar seus esposos (Oltamari, Grisci, & Eccel, 2015) e a diferença salarial entre homens e mulheres que exercem a mesma profissão (Madalozzo & Artes, 2017).

Os resultados evidenciam o quanto é importante pensar nas questões de gênero dentro desse contexto, uma vez que a construção social acerca dos papéis de gênero desenvolvida ao longo do tempo tem impactado diretamente na escolha profissional e de carreira. Essa construção reflete nas escolhas e interesses profissionais de adolescentes, quando meninas caracterizaram a preferência por atividades voltadas para o senso social, isto é, disponibilidade para ajudar, dinamismo e atividades que envolvem relacionamentos interpessoais e os meninos sinalizaram preferência por atividades ligadas à pesquisa, criatividade e inovação (Resende & Pasian, 2017). O reflexo dessa construção social também pode ser visto na educação superior, onde as diferenças percentuais de homens e mulheres em termos de distribuição por gênero, não se restringem apenas à graduação, há um expressivo desequilíbrio também na pós graduação *stricto sensu*. Os dados da Plataforma Lattes do CNPq apontam diferenças entre os currículos cadastrados, uma vez que as Ciências da Saúde e as Ciências Humanas concentram mais mulheres doutoras, enquanto nas Ciências Exatas e da Terra e nas Engenharias concentram mais homens doutores (Barros & Mourão, 2018). No que se refere aos espaços ocupados no mercado de trabalho e as diferenças entre as médias salariais de homens e mulheres que realizam as mesmas atividades, pode-se afirmar que as mulheres recebem remuneração inferior aos homens na média, mas essa remuneração é mais próxima à deles quando as mulheres exercem profissões imperiais (direito, engenharia ou medicina) ou quando trabalham no setor

público (Madalozzo & Artes, 2017). Outro dado que aponta diretamente para o reflexo dessa construção social refere-se ao preconceito quando homens se enveredam por uma área tipicamente associada com o feminino, como a docência no ensino primário. Ouvir professores que é minoria absoluta no magistério primário (os professores do sexo masculino) possibilitou mostrar que a docência infantil não é um atributo apenas feminino e permitiu que se levantem as vozes masculinas na educação que surgem no ato de reescrever os meandros da sua escolha e exercício profissional, a potencialidade destas novas vozes mostra que as discriminações dos papéis relacionados ao gênero na educação são provocadas por forças sociais (Rabelo, 2013).

Em termos gerais, a presente revisão buscou discutir os estudos publicados nos últimos cinco anos, que tratam de gênero na escolha profissional e de carreira. Depreende-se do levantamento bibliográfico realizado, a existência de poucos estudos sobre a temática no contexto brasileiro, evidenciando a necessidade e importância de novas pesquisas que viabilizem a reflexão e discussão das questões de gênero no tocante a escolha profissional e de carreira. Uma limitação encontrada nesse estudo refere-se ao fato que esta revisão não é exaustiva, uma vez que estudos que abordam o assunto e que não usam especificamente os mesmos descritores utilizados nessa revisão podem ter ficado de fora.

O debate a respeito da influência do gênero na escolha profissional e de carreira aponta para o fato de que as construções sociais acerca de papéis de gênero contribuem para o desenvolvimento de crenças sobre as profissões, o que leva a uma ideia de que existem “profissões femininas” e “profissões masculinas”, e que são necessárias características e habilidades próprias de cada gênero para a execução de determinadas tarefas. Dessa forma, o universo de possibilidades de profissões que poderiam ser escolhidas e executadas por homens e mulheres ficam restritas a um destes gêneros, o que mantém esse círculo vicioso de estereótipos e preconceitos quanto as profissões.

A partir desta revisão integrativa empreendida na literatura científica nacional, espera-se fornecer subsídios para estudos posteriores na área da “Orientação Profissional e de Carreira”, a fim de fomentar reflexões que abordem a variável gênero dentro desse contexto.

Referências

Achnich, M. (1991). *BBT – Teste de Fotos de Profissões: Método projetivo para clarificação da inclinação profissional*. São Paulo: CETEPP.

- Aguillera, F. (2013). *Projeto de vida e preparação para a carreira de jovens aprendizes: Da realidade a intervenção* (Tese de doutorado não publicada). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Barros, S. C. V., & Mourão, L. (2018). Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. *Psicologia & Sociedade*, 30, e174090. doi:10.1590/1807-0310/2018v30174090
- Bock, S. D. (2002). *Orientação Profissional: A abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (2007). *Orientação vocacional: A estratégia clínica*. (J. M. V. Bojart, Trad.; W. M. A. Penteado, Rev. Apr.) (12a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Lista de testes com parecer favorável*. Brasília, DF: CFP. Recuperado de <http://www2.pol.org.br/satepsi>
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. (2016). *Evolução da Formação de Mestres e Doutores no Brasil*. Recuperado de <http://estatico.cnpq.br/painelLattes/evolucaoformacao/>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. (2016). *GEOCAPES Dados Estatísticos*. Recuperado de <http://geocapes.capes.gov.br/geocapes2/>
- Damon, W. (2009). *O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes*. São Paulo: Summus.
- Gabalardi, V. M. (2002). *Formação de identidade: implicações na escolha profissional* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Gonzaga, L. R. V., & Lipp, M. E. N. (2014). Relações entre escolha profissional, vocação e nível de estresse em estudantes do ensino médio. *Psicologia Argumento*, 32(78), 149-156.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2014). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios – PNAD 2013*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Anísio Teixeira. (2018). *Enem 2018 tem 6,7 milhões de inscritos*. Brasília, DF: INEP. Recuperado de http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/enem-2018-tem-6-7-milhoes-de-inscritos/21206
- Jacquemin, A. (2000). *O BBT-Br: Teste de Fotos de Profissões: normas, adaptação brasileira, estudos de caso*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Jacquemin, A., Okino, E. T. K., Noce, M. A., Assoni, R. F., & Pasian, S. R. (2006). *O BBT-Br Feminino – Teste de Fotos de Profissões: adaptação brasileira, normas e estudos de caso*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Leal, M. S.; Melo-Silva, L. L., & Teixeira, M. O. (2015). Crenças para lidar com tarefas de carreira em estudantes do ensino médio. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 125-132. doi:10.15689/ap.2015.1401.14

- Lipp, M. E. N. (2005). *Inventário de Sintomas de Stress*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Louro, G. L. (2012). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. (14a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lucchiari, D. H. P. S. (2008). *O que é escolha profissional*. São Paulo: Brasiliense.
- Madalozzo, R., & Artes, R. (2017). Escolhas profissionais e impactos no diferencial salarial de homens e mulheres. *Cadernos de Pesquisa*, 47(163), 202 – 221. doi:10.1590/198053143666
- Moura, C. B (2008). *Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento* (5a ed.). Campinas: Alínea.
- Oliveira, M. C. S. L., Pinto, R.G., & Souza, A. S. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1), 16- 27. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v11n1/v11n1a03.pdf>
- Ultramari, A. P.; Grisci, C. L. I, & Eccel, C.S. (2015). Career and family life: A study of bank executives. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2), 185-195.
- Primi, R., Mansão, C. M., Muniz, M., & Nunes, M. F. O. (2010). *SDS: Questionário de busca autodirigida: Manual técnico da versão brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rabelo, A. (2013). Debates de gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. *Educar em Revista*, (48), 207-234. doi:10.1590/S0104-40602013000200013
- Resende, G. C., & Pasian, S. R. (2017). Inclinações motivacionais de adolescentes concluintes do ensino fundamental em Manaus a partir do BBT-Br. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(2), 233-247. doi:10.26707/1984-7270/2017v18n2p233.
- Salvaro, G. I. J., Quadros, S. M., & Estevam, D. O. (2016). Projetos profissionais de estudantes de um curso técnico de agropecuária. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 309 – 319. doi:10.1590/1807-03102016v28n2p309
- Shimada, M., & Melo-Silva, L. L. (2013). Interesses profissionais e papéis de gênero: escolhas femininas no BBT-Br. *Avaliação Psicológica*, 12(2), 243-251.
- Silva, J. J. (2006). *O Papel da Família na Escolha Profissional*. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora.
- Stangor, C., & Shaller, M. (2000). Stereotypes as individual and collective representations. In C. Stangor (Ed.), *Stereotypes and prejudice* (pp. 64-82). Londres: Psychology Press.
- Super, D. E. (1990). A life-span, life-space approach to career development. In D. Brown, L. Brooks & Associates (Eds.), *Career choice and development* (2nd ed., pp. 197-261). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Vasconcelos, Z. B., & Oliveira, I. D. (2004). *Orientação vocacional: Alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos*. São Paulo: Vetor.
- Yuen, M., Gysbers, N. C., Hui, E. K. P., Leung, T. K. M., Lau, P. S. Y., Chan, R. M. C., & Ke, S. Y. (2004). *Career development self-efficacy inventory: Users' manual*. Hong Kong, China: The University of Hong Kong.
- Yuen, M., Gysbers, N., Chan, R. M. D., Lau, P. S. Y., Leung, T. K. M., Hui, E. K. P., & Shea, P. M. K. (2005). Developing a career development self-efficacy instrument for Chinese adolescents in Hong Kong. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 5(1), 57-73. doi:10.1007/s10775-005-2126-3

Estudo 2:
Evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para uso com adolescentes

Resumo

O presente estudo buscou encontrar evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para aplicação em adolescentes. Para tanto, foi realizado um estudo psicométrico, conduzido através de um *survey online*, do qual participaram 486 adolescentes de diferentes perfis sociodemográficos, com idade de 14 a 23 anos. Foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória para produzir evidências de validade de constructo e testes bivariados para indicar evidências de validade de critério e convergente. Os resultados foram satisfatórios, uma vez que a escala apresentou propriedades psicométricas adequadas para o uso com adolescentes.

Palavras-chave: ISA. Medida. Sexismo. Preconceito. Adolescentes.

Abstract

This study aimed to find validity evidence of the Ambivalent Sexism Inventory (ISA) for adolescents. A psychometric study was conducted through an online survey in which 486 adolescents of different socio-demographic profiles, aged 14 to 23, participated. A Confirmatory Factor Analysis was conducted to produce evidence of construct validity and bivariate tests to indicate evidence of criterion validity and convergence. The results were satisfactory, since the scale presented adequate psychometric properties for use with adolescents.

Keywords: ISA. Measure. Sexism. Prejudice. Adolescents.

Introdução

A violência está tão entranhada no cotidiano que o fato de pensar e agir em função dela deixou de ser um ato circunstancial, para se transformar numa forma do modo de ver e de viver no mundo (Odalía, 2017). A violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual (Minayo & Souza, 1998).

A violência de gênero diz respeito a qualquer tipo de violência (física, social ou simbólica) que tenha por base a organização social dos sexos/gêneros e que seja perpetrada contra indivíduos especificamente em virtude de seu sexo, identidade de gênero ou orientação sexual (Sardenberg & Tavares, 2016). No que se refere a violência contra a mulher, esse é um fenômeno histórico, complexo e de difícil conceituação que permeia as relações desiguais entre homens e mulheres (Barufaldi et al., 2017). Dados apontam que, em 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que representa uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil habitantes do sexo feminino, isso significa uma mulher assassinada no Brasil a cada duas horas. O percentual de mulheres que sofrem a violência dentro da residência é 2,7% vezes maior do que o de homens, o que reflete a dimensão da violência de gênero e, em particular, do feminicídio (Alves et al., 2020). Feminicídios são assassinatos de mulheres decorrentes das desigualdades de gênero e representam a forma mais extrema da violência contra a mulher, são considerados um problema social e político emergente, representando a total violação dos direitos das mulheres (Meneghel & Margarites, 2017).

A Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece que a violência contra as mulheres constitui uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, que conduziram ao domínio e à discriminação das mulheres por parte dos homens e impediram o progresso pleno das mesmas, e que a violência contra as mulheres constitui um dos mecanismos sociais fundamentais através dos quais estas são forçadas a assumir uma posição de subordinação em relação aos homens (Resolução n. 48/104, 1993, p. 1). À mulher continuamente foi destinado um lugar secundário na sociedade, pensamentos discriminatórios e sexistas, bem como a ostentação das mulheres como objetos e a exigência de que fossem “treinadas” para servir, embasavam uma ideologia de dominação masculina que visava unicamente o estabelecimento da supremacia e da manutenção de uma ordem social opressora (Cerqueira, Souza, & Jesus Junior, 2013).

A abordagem sociocognitiva compreende o sexismo como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade,

dirigida aos indivíduos de acordo com o “sexo” (Glick & Fiske, 1996). O sexismo pode ser manifesto inferiorizando tanto o gênero feminino quanto o gênero masculino, o mesmo encontra-se embasado em uma sociedade fundamentada em resquícios de uma cultura de modelo patriarcal, onde é corrente a manifestação do preconceito com relação as mulheres (Souza, 2016).

Glick e Fiske (1996) apontam a existência do sexismo ambivalente, no sentido de existirem duas formas de expressão do preconceito, entendidas como ambivalentes e que se baseiam na assumida inferioridade ou diferença das mulheres como um grupo; esse modelo apresenta duas formas principais: hostil e benévolo. O sexismo hostil evidencia crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão; e o sexismo benevolente refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, evidenciando o sentido paternalista que a descreve como pessoa frágil, que necessita de atenção, mas que também pode complementar o homem (Formiga, Golveia, & Santos, 2002).

Um estudo desenvolvido com adolescentes masculinos que considerou conjuntamente o sexismo (hostil e benevolente) e o estereótipo de gênero apontou a possibilidade de que os componentes do preconceito sexista contra as mulheres possam ter maior presença do que o estereótipo de gênero, indicou também que o preconceito contra a mulher provavelmente se instala precocemente (Mesquita-Filho, Eufrásio, & Batista, 2011). Os mesmos autores apontam também a necessidade de realização de novos estudos incluindo mulheres nessa faixa etária. O Inventário de Sexismo Ambivalente – ISA (Formiga, Golveia, & Santos, 2002) tem sido amplamente utilizado no Brasil em pesquisas que rondam essas temáticas, mas em contrapartida, o instrumento adaptado e validado para o contexto brasileiro pelos autores supracitados tem sido aplicado predominantemente em estudos com amostra de adultos (Formiga, 2006; Formiga, Araújo, & Cavalcante, 2007; Formiga, 2011; Formiga, 2015; Formiga, Fachini, Curado, & Teixeira, 2017; Gaspodini, Formiga, & Falcke, 2019), apenas um estudo foi encontrado na literatura brasileira apontando o uso do ISA exclusivamente com adolescentes, entretanto, não apresentou evidências de validade para esse grupo (Mesquita Filho, Eufrásio, & Batista, 2011).

Assim, torna-se importante a produção de evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para uso com adolescentes, uma vez que é a única medida utilizada no contexto brasileiro para avaliação do construto e até o momento não foram produzidas evidências de validade para o grupo em questão. Diante desse panorama, torna-se importante a viabilização de pesquisas sobre violência de gênero, machismo e sexismo em diferentes fases

do desenvolvimento humano, inclusive na adolescência, uma vez que concepções sexistas entre adolescentes podem suscitar práticas discriminativas e preconceituosas. Assim, o presente estudo buscou encontrar evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para aplicação em adolescentes.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por adolescentes de 14 anos a 23 anos (segundo o critério da OMS, 2011), de diferentes perfis sociodemográficos, convidados a partir de uma chamada on-line para responder a pesquisa. A amostra foi por conveniência e os critérios de inclusão eram: adolescentes a partir de 14 anos, que estavam cursando o ensino médio e que aceitaram o termo de consentimento. Os convites foram amplamente divulgados para garantir que indivíduos de vários estados do Brasil respondessem, assim como para que se conseguisse uma boa proporção de diferentes perfis demográficos em termos de renda, gênero, orientação sexual e tipo de instituição. A amostra final foi composta por 486 adolescentes.

Instrumentos

Os participantes responderam três instrumentos, o Questionário de dados sociodemográficos, o Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e a Escala de Orientação à Dominância Social (SDO₇). *Questionário de dados sociodemográficos*: elaborado pelos autores do estudo, composto de perguntas para a caracterização da amostra. As variáveis idade, tipo de instituição de ensino (pública ou privada), gênero, orientação sexual, raça, zona de moradia (urbana ou rural) e local de residência (capital ou interior) foram levantadas a partir deste instrumento. *Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA)*: foi elaborado originalmente em língua inglesa (Glick & Fiske, 1996) e adaptado para o Brasil (Formiga, Golveia, & Santos, 2002), apresentou parâmetros psicométricos para a população brasileira com os seguintes indicadores de ajuste: GFI = 0,77 e AGFI = 0,72; $\chi^2 / g.l. = 3,18$; e SRMR = 0,10. O instrumento possui 22 itens que avaliam os estereótipos assumidos por cada gênero (masculino e feminino) a respeito de duas dimensões do sexismo: o sexismo hostil (por exemplo: As mulheres tentam ganhar poder controlando os homens; As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente

irracionais aos homens) e o sexismo benévolo (por exemplo: Todo homem deve ter uma mulher a quem amar; Uma boa mulher deveria ser posta em um pedestal pelo homem). Nesse estudo, o fator de sexismo hostil e benevolente apresentaram respectivamente Coeficiente Alfa de Cronbach de 0,887 e 0,854. Para responder o instrumento, o participante deve ler cada item e indicar quanto está de acordo com o conteúdo expresso, utilizando uma escala tipo Likert de cinco pontos, que varia do Discordo totalmente (1) ao Concordo totalmente (5). *Escala de Orientação à Dominância Social - 7* (Ho et al., 2015) é uma medida de autorrelato composta por 2 fatores substanciais (“Dominância Social” e “Anti-Igualitarismo”) e 2 fatores de método (pró-traço x contra-traço). No estudo original de desenvolvimento, o instrumento apresentou boas propriedades psicométricas (CFI > 0,90; RMSEA < 0,08; χ^2 /graus de liberdade < 2,00) em sete amostras diferentes, além de boa validade convergente, divergente e de critério entre grupos. Na versão em português da SDO₇ as respostas podiam variar em uma escala *Likert* de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Para este estudo foi utilizada a versão longa da SDO₇ para o contexto nacional (Vilanova, Almeida-Segundo, Duarte, & Costa, 2020), que apresentou Coeficiente Alfa de Cronbach superior a 0,70. O instrumento na versão longa possui 16 itens, cuja estrutura conta com 4 fatores, sendo 2 substanciais e 2 de método. O fator substancial da Dominância agrupa itens relacionados à preferência por hierarquias grupais em que há clara opressão a grupos subordinados (por exemplo: Alguns grupos devem ser mantidos em seus devidos lugares na sociedade; Grupos em posições inferiores na sociedade merecem tanto quanto grupos que estão em posições superiores). No que se refere a dimensão do Anti-Igualitarismo os itens agrupados relacionam-se à preferência pela desigualdade entre grupos, rejeitando políticas públicas que reduzem a desigualdade e favorável a crenças que sutilmente reforcem hierarquias sociais (por exemplo: Nós não deveríamos promover a igualdade entre os grupos; Nós deveríamos trabalhar para oferecer a todos os grupos chances iguais de serem bem-sucedidos).

Procedimentos

A produção dos dados foi realizada por meio de um *survey*. Os participantes foram convidados para responder a pesquisa através de uma chamada pública em redes sociais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter*) entre 30 de março e 12 de maio de 2020. O anúncio de divulgação da pesquisa foi gerado via rede social para que um maior número de adolescentes fosse alcançado. A partir de um questionário criado no *Google Docs*, foi gerado um *link*, no qual os participantes tinham acesso à pesquisa, bem como ao termo de consentimento e à uma

breve descrição sobre o estudo, a partir da qual era possível clicar no botão de concordar em participar do estudo e assim prosseguir.

Aspectos éticos

A validação do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para uso em adolescentes teve início após a autorização dos autores da versão brasileira do instrumento. A coleta dos dados ocorreu após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, o protocolo está registrado sob o número de CAAE: 28215819.3.000.5546.

Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes deste estudo foram assegurados, com base nas Resoluções nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012), nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2016) e nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000). Além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, afirmou-se a garantia de sigilo das informações pessoais e a possibilidade de o participante desistir da pesquisa a qualquer momento não havendo problema quanto a isso.

Análise de dados

Os dados foram transferidos do formulário do *Google Docs* e analisados quantitativamente a partir do programa estatístico JASP. Foram realizadas análises univariadas descrevendo a amostra pelos dados sociodemográficos (gênero, orientação sexual, idade, identidade racial, religião, tipo de instituição de ensino, série escolar, local de moradia e renda).

Para a análise do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) foram utilizados cinco parâmetros de adequação de ajuste para avaliar os modelos: (a) a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade (χ^2 / df); (b) a raiz quadrada dos resíduos padronizados (SRMR); (c) o índice de adequação de ajuste (CFI); (d) o índice de Tucker-Lewis (TLI), e; (e) a raiz quadrada do erro médio ajustada (RMSEA). Considerou-se como parâmetro de ajuste: (χ^2 / df) menor do que 5 (Wheaton, Muthen, Alwin & Summers, 1977); SRMR menor do que 0,08 (Brown, 2006; Schreiber, Stage, King, Nora & Barlow, 2006); CFI e TLI maior 0,90 (sendo desejável acima de 0,95) (Brown, 2006; Schreiber et al., 2006); RMSEA menor que 0,08, sendo que se maior do que 0,10 há falta de ajuste (Schreiber et al., 2006).

Resultados

Dados sociodemográficos

A amostra foi composta por 486 adolescentes, desses, 344 (70,8%) se autodeclararam do gênero feminino, 140 (28,8%) se autodeclararam do gênero masculino. A respeito da orientação sexual, 380 (78,2%) se autodeclararam como heterossexuais. A idade variou de 14 a 23 anos, com média de 16,35 anos ($DP = 1,37$). No que se refere a identidade racial, a maioria se autodeclarou como pardo(a) ($n = 236$; 48,6%) e branco(a) ($n = 179$; 36,8%). Acerca da religião, houve maior concentração para a católica, com 220 (45,3%) respondentes.

No que concerne aos dados escolares, 284 (58,4%) são provenientes de escolas públicas. Em relação as questões de moradia e renda; 389 (80%) residem na zona urbana e 97 (20%) residem na zona rural. Destaca-se que 326 (67,1%) são do interior dos estados e 160 (32,9%) são das capitais. A renda familiar da maioria dos respondentes varia entre menos de 1 mil reais à 3 mil reais ($n = 298$; 61,3%). Os principais dados sociodemográficos estão organizados na Tabela 4.

Tabela 4. Dados sociodemográficos

Características	Distribuição estatística		
	Grupos	Frequência (n)	Porcentagem
Gênero	Feminino	344	70,8%
	Masculino	140	28,8%
	Outro	2	0,4%
Orientação Sexual	Heterossexual	380	78,2%
	Homossexual	18	3,7%
	Bissexual	88	18,1%
Idade	14 – 18 anos	465	95,7%
	19 – 23 anos	20	4,1%
	Omisso	1	0,2%
Identidade Racial	Branco	179	36,8%
	Pardos	236	48,6%
	Pretos	58	11,9%
	Amarelos	8	1,6%
	Indígenas	5	1,0%

Tipo de instituição	Pública	284	58,4
	Particular	202	41,6
Série escolar	Primeiro ano	128	26,3%
	Segundo ano	113	23,3%
	Terceiro ano	245	50,4%
Local de residência	Zona urbana	389	80%
	Zona rural	97	20%

Produção de evidências psicométricas

O modelo testado contém dois fatores correlacionados, sexismo benevolente e sexismo hostil. Inicialmente, verificaram-se os valores dos alfas de Cronbach e o ômega de McDonald da escala e de cada um dos seus fatores. A escala geral apresentou o mesmo índice no alfa e no ômega, 0,917. O fator de sexismo benevolente apresentou alfa de 0,854 e ômega de 0,851. No fator de sexismo hostil os valores foram 0,887 para os dois índices. A AFC foi realizada no JASP, a partir do estimador DWSL, que é adequado para dados do tipo Likert.

A razão do qui quadrado (296,672) pelos graus de liberdade (208) foi de 1,426. O CFI foi de 0,992; o TLI foi 0,991; o RMSEA, 0,030 (90% IC = 0,022 – 0,037); o SRMR, 0,055. Não foram identificadas necessidades de se utilizar os Índices de Modificação para ajustes do modelo. Assim, nenhum dos índices infringiu os parâmetros que indicam ajuste. As cargas fatoriais e as estatísticas descritivas dos itens estão dispostas na Tabela 5.

Tabela 5. Cargas Fatoriais e estatísticas descritivas dos itens da ISA

Itens	λ (Carga Fatorial)	M (DP)	Assimetria / Curtose	Alfa / Ômega (com a retirada do item)	Correlação item – total
2	0,865	2,586 (1,463)	0,357 / -1,308	0,884 / 0,883	0,548
4	0,738	2,432 (1,266)	0,463 / -0,931	0,883 / 0,883	0,526
5	0,779	2,037 (1,185)	0,935 / -0,225	0,875 / 0,875	0,644
7	0,701	1,722 (1,080)	1,547 / 1,519	0,877 / 0,877	0,607
10	0,744	2,101 (1,077)	0,714 / -0,372	0,876 / 0,875	0,638
11	0,751	1,889 (1,101)	1,143 / 0,427	0,875 / 0,874	0,650
14	0,635	1,866 (1,034)	1,080 / 0,380	0,879 / 0,878	0,587
15	0,707	2,008 (1,061)	0,888 / 0,007	0,876 / 0,876	0,634

16	0,825	2,158 (1,126)	0,599 / -0,716	0,871 / 0,871	0,703
18	0,819	2,556 (1,283)	0,209 / -1,255	0,881 / 0,881	0,558
21	0,664	1,794 (0,998)	1,171 / 0,720	0,876 / 0,876	0,640
Σ Sexismo Hostil	-	2,105 (0,795)	0,429 / -0,541	-	-
1	0,687	2,006 (1,081)	0,941 / 0,043	0,840 / 0,840	0,577
3	0,456	2,412 (1,143)	0,385 / -0,704	0,849 / 0,853	0,387
6	0,551	1,553 (0,950)	1,995 / 3,717	0,843 / 0,845	0,514
8	0,768	2,852 (1,230)	0,004 / -1,089	0,835 / 0,839	0,578
9	0,863	2,854 (1,428)	0,092 / -1,355	0,837 / 0,842	0,552
12	0,949	2,241 (1,280)	0,715 / -0,637	0,833 / 0,833	0,647
13	0,690	1,765 (1,025)	1,429 / 1,494	0,838 / 0,836	0,643
17	0,708	2,191 (1,175)	0,643 / -0,626	0,833 / 0,838	0,587
19	0,543	3,247 (1,207)	-0,568 / -0,664	0,849 / 0,852	0,410
20	0,740	2,117 (1,142)	0,804 / -0,243	0,833 / 0,839	0,587
22	0,670	2,918 (1,328)	0,040 / -1,173	0,841 / 0,844	0,525
Σ Sexismo Benevolente	-	2,378 (0,758)	0,306 / -0,208	-	-

Evidências de validade de critério

Foram realizados testes de diferenças de médias, objetivando compreender como os fatores da ISA discriminam grupos nessa amostra de adolescentes. Com relação à zona de moradia, urbana ou rural, não foi encontrada diferença significativa entre os grupos nem com relação ao sexismo hostil ($p = 0,216$), nem com relação ao benevolente ($p = 0,464$). Entretanto, com relação a morar numa capital ou no interior do estado, foram encontradas diferenças significativas, apontando maiores médias de sexismo para os residentes em cidades do interior. No sexismo hostil ($t = -2,938$; $p = 0,003$; Cohen's $d = 0,300$), a média do grupo do interior ($n = 354$) foi de 2,169 ($DP = 0,814$), enquanto do grupo da capital ($n = 132$) foi de 1,933 ($DP = 0,713$). Já no sexismo benevolente ($t = -2,655$; $p = 0,008$; Cohen's $d = 0,271$), as médias foram, respectivamente, 2,433 ($DP = 0,771$) e 2,229 ($DP = 0,703$).

Também foram encontradas diferenças significativas nas médias dos grupos que estudavam em escola pública ($n = 284$) e particular ($n = 202$). O teste t evidenciou que o grupo que estudava na escola pública apresentou mais sexismo hostil ($M = 2,201$; $DP = 0,824$; $t = 3,204$; $p = 0,001$; Cohen's $d = 0,295$) e benevolente ($M = 2,476$; $DP = 0,773$; $t = 3,411$; $p < 0,001$; Cohen's $d = 0,314$) comparado ao grupo da escola particular ($M = 1,969$; $DP = 0,732$, e; $M = 2,240$; $DP = 0,715$).

Houve diferença significativa entre os gêneros, tanto no sexismo hostil ($t = 7,191$; $p < 0,001$; Cohen's $d = 0,721$), quanto no benevolente ($t = 5,734$; $p < 0,001$; Cohen's $d = 0,575$).

Nos dois casos, o gênero masculino ($M = 2,493$; $DP = 0,759$, e; $M = 2,676$; $DP = 0,767$), com 140 indivíduos, apresentou maiores médias do que o gênero feminino ($M = 1,947$; $DP = 0,757$, e; $M = 2,254$; $DP = 0,720$), com 344 indivíduos. Na comparação entre o grupo que se identificou como heterossexual ($n = 380$) com o que se identificou como não-heterossexual ($n = 106$), as diferenças também foram significativas para o sexismo hostil ($t = 3,093$; $p = 0,002$; Cohen's $d = 0,340$) e para o benevolente ($t = 2,768$; $p = 0,006$; Cohen's $d = 0,304$). Os heterossexuais ($M = 2,163$; $DP = 0,783$, e; $M = 2,428$; $DP = 0,750$) apresentaram maiores médias de sexismo hostil e benevolente do que os não-heterossexuais ($M = 1,895$; $DP = 0,804$, e; $M = 2,199$; $DP = 0,763$).

Evidências de validade de convergente

Foram investigadas, por fim, as correlações dos fatores da ISA com os fatores da SDO-7. A hipótese de que a inclinação à dominância social seria uma das bases do sexismo amparou a análise. Para isso, as correlações foram realizadas de forma separada para os que se identificaram com o gênero masculino ($n = 140$) e o gênero feminino ($n = 344$). Os resultados estão organizados na Tabela 6.

Tabela 6. Correlações entre as escalas ISA e SDO-7

		Coeficientes de Correlação (r)				Gênero Feminino
		<i>Sexismo Hostil</i>	<i>Sexismo Benevolente</i>	<i>Dominância</i>	<i>Anti-igualitarismo</i>	
Gênero Masculino	<i>Sexismo Hostil</i>		0,665*	0,458*	0,331*	
	<i>Sexismo Benevolente</i>	0,583*		0,351*	0,215*	
	<i>Dominância</i>	0,372*	0,303*		0,600*	
	<i>Anti-igualitarismo</i>	0,233*	0,120	0,569*		

* $p < 0,001$

Discussão

Este estudo objetivou encontrar evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para o uso com adolescentes, que mensura os estereótipos assumidos por cada gênero (masculino e feminino) a respeito das duas dimensões do sexismo (hostil e benevolente). Buscou-se oferecer uma medida com evidências de validade para o contexto brasileiro e a viabilidade de futuras pesquisas e intervenções com esse grupo específico.

Os resultados mostraram indicadores psicométricos confiáveis para a estrutura com dois fatores do sexismo ambivalente (hostil e benévolo) na amostra estudada. As medidas de confiabilidade utilizadas, o alfa de Cronbach e o ômega de McDonald apresentaram bons resultados. Os índices de ajuste que estão sustentados na avaliação dos indicadores estatísticos (p.ex., χ^2/ gl , CFI, TLI, RMSEA, SRMR) também se apresentaram adequados. De maneira geral, o modelo testado que apresenta dois fatores correlacionados (sexismo hostil e sexismo benevolente) mostrou-se consistente.

A diferença do sexismo entre os gêneros apresentou o maior tamanho de efeito desta pesquisa, os resultados apontam que o gênero masculino apresentou maiores médias de sexismo hostil e benevolente, o que corrobora com a literatura, uma vez que, estudos utilizando amostra de adultos também encontraram maiores médias para os respondentes do gênero masculino (Sales-Oliveira, Villas-Boas, & Las-Heras, 2016; Janos Uribe & Espinosa Pezzia, 2018). No que se refere à orientação sexual e ao local de moradia, os adolescentes heterossexuais e que moram no interior apresentaram maiores médias de sexismo, este dado não foi explorado na literatura com adultos referente a esta escala. No entanto, dados similares de expressão de preconceito (homofobia) já foram encontrados na literatura (Costa, Peroni, De Camargo, Pasley, & Nardi, 2015; Costa, Catelan, Araujo, Silva, Koller, & Nardi, 2017).

A correlação encontrada entre os fatores da ISA e os fatores da SDO-7 apontam que a inclinação à dominância social seria uma das bases do sexismo, dado que as pessoas que apresentam maiores níveis de “Dominância Social” e “Anti - Igualitarismo” tendem a ser mais preconceituosas. Tal resultado é sustentado na literatura quando se entende que a “Orientação à Dominância Social” reflete uma tendência a apoiar o estabelecimento de relações hierarquizadas na sociedade (Pratto et al., 2006), assim como prediz o preconceito contra alguns alvos que são considerados socialmente “degenerados” (Duckitt & Sibley, 2007).

Este trabalho aponta para a existência do sexismo ambivalente na população adolescente, com uma tendência de maiores médias para determinados grupos (meninos, heterossexuais, estudantes de escola pública e residentes do interior). Diante do exposto, nota-se a importância de fomentar discussões e de intervenções sobre o tema com a população em questão. Nesse contexto, o Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) mostra-se uma medida diagnóstica com boas propriedades psicométricas que poderá embasar intervenções mais consolidadas.

De maneira geral, o sexismo refere-se à discriminação de gênero, e é notável o quanto as crenças sexistas foram perpetuadas na sociedade ao longo dos séculos, o que torna relevante

as ações de combate ao sexismo. A literatura aponta a presença de comportamentos sexistas nos mais diversos contextos e fases do desenvolvimento humano. Na infância enquanto brincam, as crianças nem sempre têm as mesmas oportunidades de manifestar de forma livre suas intenções e desejos, uma vez que os brinquedos já sugerem quem deve usá-los (Pereira & De Oliveira, 2016).

Na adolescência, nota-se a influência do gênero nos processos de escolha profissional, uma vez que as construções sociais acerca de papéis de gênero contribuem para o desenvolvimento de crenças sobre as profissões, o que leva a uma ideia de que existem “profissões femininas” e “profissões masculinas”, e que são necessárias características e habilidades próprias de cada gênero para a execução de determinadas tarefas (Santana-Santos & Cerqueira-Santos, 2020).

Na vida adulta, as questões relacionadas ao sexismo podem ser vistas em diversas facetas da vida do indivíduo, a exemplo dos relacionamentos, onde o sexismo é apontado como variável relevante reduzindo a satisfação em relacionamentos românticos (Santos, 2019). Nota-se ainda este fenômeno nas questões de trabalho, em que o sexismo afeta diretamente os lugares ocupados por homens e mulheres, dado que as relações de gênero ancoradas pelo machismo e pelo sexismo delinham quais papéis sociais são destinados a homens e mulheres (Silva & Mendes, 2015), levando em consideração ainda que as mulheres continuam enfrentando mais desafios do que os homens no mundo do trabalho e são bem mais penalizadas quando se inserem em contextos profissionais contranormativos (Pinto, Amorim, Barbosa, & De Carvalho, 2019; Viana, De Sousa, & Torres, 2018).

Considerações finais

Esse estudo buscou encontrar evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para aplicação em adolescentes. Os resultados foram satisfatórios para os objetivos pretendidos com o estudo, uma vez que conseguiu-se produzir evidências de validade do instrumento para o uso com uma amostra específica (adolescentes), mas é importante destacar algumas limitações. A primeira limitação do estudo refere-se a desigualdade na amostra, uma vez que houve mais respondentes do gênero feminino ($n = 344$) do que do gênero masculino ($n = 140$). A segunda limitação refere-se ao fato de que a proposta inicial deste estudo contava com uma coleta presencial em escolas públicas e particulares que já estavam previamente agendadas, as quais precisaram ser suspensas em virtude da pandemia do Sars-

CoV-2 (Covid-19) e das recomendações de distanciamento social, assim a coleta foi realizada através de um *survey online*, o que pode ter limitado a amostra pelo viés de acesso.

A produção de evidências de validade do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) para uso com adolescentes mostra-se de grande relevância no contexto atual, uma vez que não tínhamos na literatura brasileira nenhum outro instrumento para mensuração desse construto, tão pouco haviam sido realizados estudos de evidências sobre o instrumento em uma amostra tão específica. Dessa forma, a medida em questão pode ser utilizada futuramente em estudos e intervenções com adolescentes de maneira consolidada.

Referências

- Alves, P. P., Lima, R. S. D., Silva, E. R. A. D., Ferreira, H., Pimentel, A., Barros, B., ... & Sobral, I. (2020). Atlas da violência 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116.riatlasdaviolencia2020>
- Barufaldi, L. A., Souto, R. M. C. V., Correia, R. S. D. B., Montenegro, M. D. M. S., Pinto, I. V., Silva, M. M. A. D., & Lima, C. M. D. (2017). Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. *Ciência & saúde coletiva*, 22, 2929-2938.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research*. New York, NY: The Guilford Press. (DOI INEXISTENTE)
- Cerqueira, A. B., Souza, P. C. M. D., & Jesus Junior, G. D. (2013). Violência Simbólica: Mulheres machistas e a reprodução da cultura de dominação masculina. *X Colóquio do Museu Pedagógico*.
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). Resolução nº 016/2000 – *Dispõe sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos*. Brasil: CFP, Brasília, DF.
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466/2012 – *Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510/2016 – *Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF.
- Costa, A. B., Peroni, R. O., de Camargo, E. S., Pasley, A., & Nardi, H. C. (2015). Prejudice toward gender and sexual diversity in a Brazilian Public University: prevalence, awareness, and the effects of education. *Sexuality Research and Social Policy*, 12(4), 261-272.
- Costa, A. B., Catelan, R. F., Araujo, C. L. D., Silva, J. P. D., Koller, S. H., & Nardi, H. C. (2017). Efeito de configuração no apoio ao casamento de pessoas do mesmo sexo em universitários brasileiros. *Psico (Porto Alegre)*, 48(2), 99-108.

- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2007). Right wing authoritarianism, social dominance orientation and the dimensions of generalized prejudice. *European Journal of Personality*, 21(2), 113–130. doi:10.1002/per.614
- Formiga, N. (2015). Evidência psicométrica de um modelo fatorial-conceitual concorrente do Inventário de Sexismo Ambivalente em brasileiros. *REVISTA DE PSICOLOGÍA/Journal of Psychology*, 17(1), 9-20.
- Formiga, N. S. (2006). Consistência mensurável do sexismo ambivalente no contexto brasileiro. *Psicologia. com. pt.*
- Formiga, N. S., Araújo, T. T., & Cavalcante, C. P. (2007). A manutenção da discriminação feminina no contexto brasileiro: um estudo sobre a fidedignidade do sexismo ambivalente. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), 59-70.
- Formiga, N. S., Fachini, A. C., Curado, F., & Teixeira, J. (2017). As duas faces do preconceito feminino: Análise do inventário de sexismo ambivalente em homens brasileiros. *Psicologia Argumento*, 23(41), 57-63.
- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo*, 7(1), 103-111. doi: 10.1590/S1413-73722002000100013
- Gaspodini, I. B., Formiga, N. S., & Falcke, D. (2019). Evidência Psicométrica da Estrutura Fatorial do Sexismo Ambivalente em Profissionais de Psicologia do Brasil. *Actualidades en Psicología*, 33(127), 21-36.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. doi: 10.1037/0022-3514.70.3.491
- Ho, A. K., Sidanius, J., Kteily, N., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., ... & Stewart, A. L. (2015). The nature of social dominance orientation: Theorizing and measuring preferences for intergroup inequality using the new SDO₇ scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(6), 1003. doi: 10.1037/pspi0000033.supp
- Janos Uribe, E., & Espinosa Pezzia, A. (2018). Sexismo ambivalente e sua relação com a aceitação de mitos sobre a violência sexual em uma amostra de Lima. *Journal of Psychological Research*, (19), 61-74.
- Meneghel, SN, & Margarites, AF (2017). Femicídios em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: as iniquidades de gênero até a morte. *Cadernos de Saúde Pública*, 33, e00168516.
- Mesquita Filho, M., Eufrásio, C., & Batista, M. A. (2011). Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. *Saúde e Sociedade*, 20(3), 554-567.
- Minayo, M. C. D. S., & Souza, E. R. D. (1997). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 4(3), 513-531.
- Odalía, N. (2017). *O que é violência*. Brasiliense.

- Pratto, F., Sidanius, J., & Levin, S. (2006). Social dominance theory and the dynamics of intergroup relations: Taking stock and looking forward. *European Review of Social Psychology*, 17(1), 271–320. doi:10.1080/10463280601055772
- Pereira, A. S., & de Oliveira, E. M. B. (2016). Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil. *Reflexão e Ação*, 24(1), 273-288.
- Pinto, É. J. S., Amorim, V. G., Barbosa, P. V., & de Carvalho, M. E. P. (2019). Mulher e Física: Uma trajetória de sucesso. *Universidade Federal da Paraíba. Revista Temas em Educação*, 28(1), 100.
- Santos, F. M. S. (2019). Amor romântico, ideais e a satisfação nos relacionamentos amorosos (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30811/1/Disserta%20c3%a7%20c3%a3o%20-%20Felipe%20M%20S%20Santos.pdf>
- Sales-Oliveira, C., Villas-Boas, S., & Las-Heras, S. (2016). Estereótipos de gênero e sexismo em docentes do ensino superior. *Revista iberoamericana de educación superior*, 7(19), 22-41.
- Sardenberg, C., & Tavares, M. S. (2016). *Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento*. EDUFBA.
- Schreiber, J. B., Stage, F. K., King, J., Nora, A., & Barlow, E. A. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *The Journal of Educational Research*, 99(6), 324-337. <https://doi.org/10.3200/joer.99.6.323-338>
- Souza, J. H. (2016). As implicações do sexismo benévolo na afirmação de estereótipos femininos. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 2(1).
- Viana, H. A., de Sousa, A. W. L., & Torres, A. R. R. (2018). Engenheiras e enfermeiros: estereótipos, discriminação e desafios de profissionais contranormativos. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, 29.
- Vilanova, F., Almeida-Segundo, D. S., Duarte, M. Q., & Costa, Â. B. (2020). Evidências de validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil. *Manuscript submitted for publication*.
- Wheaton, B., Muthen, B., Alwin, D. F., & Summers, G. (1977). Assessing Reliability and Stability in Panel Models. *Sociological Methodology*, 8(1), 84-136. <https://doi.org/10.2307/270754>
- World Health Organization [WHO]. (2011). *Preventing early pregnancy and poor reproductive outcomes among adolescents in developing countries*. Geneva: WHO. Retirado de http://www.who.int/maternal_child_adolescent/documents/preventing_early_pregnancy/en/index.html

Estudo 3:

A influência dos estereótipos de gênero na avaliação de profissões sob a perspectiva de adolescentes em processo de escolha profissional

Resumo

O presente estudo buscou analisar a influência dos estereótipos de gênero no julgamento de profissões vistas socialmente como masculinas ou femininas, sob a perspectiva de adolescentes em processo de escolha profissional. Trata-se de um estudo de caráter quantitativo, exploratório e analítico (*survey* com desenho quase-experimental de cenários) realizado através de coleta online, da qual participaram 486 indivíduos. Os participantes responderam questionário sociodemográfico, sucedido de instrumentos sobre papéis de gênero, sexismo e dominância social. Verificou-se uma rigidez nos estereótipos de gênero, visto que os adolescentes foram mais favoráveis quando a ocupação seguia um padrão de normatividade e rejeitaram o fato de uma mulher ocupar uma profissão socialmente masculina. Discute-se o impacto destas questões e o quanto elas influenciam a escolha profissional.

Palavras-chave: Estereótipo. Gênero. Adolescente. Escolha profissional.

Abstract

This study aimed to analyze the influence of gender stereotypes in the judgment of professions seen socially as male or female, from the perspective of adolescents in the process of professional choice. This is a quantitative, exploratory and analytical study (survey with quasi-experimental design of scenarios) conducted online, in which 486 individuals participated. The participants answered a sociodemographic questionnaire, followed by instruments on gender roles, sexism and social dominance. There was a rigidity in gender stereotypes, since adolescents were more favorable when occupation followed a normative pattern and rejected the fact that a woman occupies a socially male profession. The impact of these issues and how much they influence professional choice are discussed.

Keywords: Stereotype. Gender. Adolescent. Professional choice.

Introdução

A ação de escolher é algo presente na vida de todos os indivíduos, pois desde que nasce ele está sempre escolhendo (Soares, 2018). Escolher é decidir, entre uma série de opções, aquela que parece a melhor naquele momento, cada escolha feita faz parte de um projeto de vida que vai se realizando (Lucchiari, 2017). Escolher um trabalho, uma profissão, é escolher a forma pela qual o indivíduo quer participar do mundo em que vive (Soares, 2016). Ao escolher uma área profissional, inicia-se um processo de formação em direção a ela e tenta-se definir ao mesmo tempo, o lugar que se vai ocupar na sociedade (Rappaport, 2004).

A escolha da profissão é, talvez, uma das decisões mais importantes na vida de uma pessoa, considerando que o ser humano é valorizado socialmente pela atividade que exerce e que sua identidade pessoal está muito ligada ao que faz profissionalmente. Quando se conhece uma pessoa, por exemplo, logo se quer saber com o que ela trabalha, pois assim se poderá ter uma ideia do seu estilo de vida, dos seus gostos e das suas habilidades (Basso, 2008). O trabalho está na base de toda sociedade e possui mais de uma significação, dentre elas, a de realizar uma obra na qual o indivíduo se expresse, tenha reconhecimento social e permaneça além da sua vida (Albornoz, 2008).

A escolha profissional é multifatorial, confirmando que o processo da escolha é algo bastante complexo (Gonzaga, 2011). Vários fatores influenciam na qualidade da escolha e no tipo de vínculo que o sujeito vai desenvolver com o seu objeto de trabalho, dentre eles: os políticos, os econômicos, os sociais, os educacionais, os familiares e os psicológicos (Neiva, Silva, Miranda, & Esteves, 2005), o gênero também é apontado como um fator que deve ser considerado em relação a escolha (Nepomuceno & Witter, 2010). Uma das grandes tarefas do adolescente será processar, de alguma forma, as diversas influências recebidas (Rappaport, 2004). No Brasil tem-se observado duas tendências predominantes entre os jovens: um grupo dos que possuem condições socioeconômicas mais favoráveis investem em mais anos de estudo retardando a entrada no mercado de trabalho, porém com perspectiva de uma melhor inserção no futuro; e o outro grupo, dos menos favorecidos economicamente, que se submetem a subempregos com remunerações baixas e geralmente também não lhes garante a sobrevivência (De Moura & Possato, 2012).

Na maioria dos casos, quem escolhe é um adolescente e essa escolha acontece nas mudanças implícitas da passagem da infância à idade adulta. Compreendendo a adolescência como um período de crise, transição e ajustamento; Bohoslavsky (2007) entende que uma das áreas em que esse ajustamento se realizará refere-se precisamente ao estudo e ao trabalho,

entendidos como meio e forma de ascender a papéis sociais adultos. A velocidade das transformações sociais, as incertezas econômicas globais, os avanços tecnológicos são fatores que contribuem para transformações marcantes no mundo do trabalho na atualidade, tornando as escolhas no campo profissional particularmente difícil para os jovens (Oliveira, Pinto, & Souza, 2003).

Todo projeto de vida, por mais pessoal que seja, tem sempre um componente social e universal (Soares, 2016). E a diferenciação social de gêneros certamente ocasionará uma distinção de escolhas das profissões, dado que a tendência do sujeito será seguir os padrões estipulados pela sociedade e pela cultura estabelecida (Praça & Souza-Leite, 2017). As novas configurações da divisão do trabalho empreendida por Hirata e Kergoat (2007) pressupõem que a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. As autoras supracitadas propõem uma forma particular da divisão social do trabalho em dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). As relações de gênero ancoradas pelo machismo e pelo sexismo ainda estão muito presentes em nossa sociedade, são relações construídas historicamente, que delineiam quais papéis sociais são destinados a homens e mulheres (Silva & Mendes, 2015).

O sexismo é compreendido como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade, dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo (Glick & Fiske, 1996), os autores destacam a existência de novas formas de sexismo, que são entendidas como ambivalentes e baseiam-se na assumida inferioridade ou diferença das mulheres como um grupo; esse modelo denominado como sexismo ambivalente apresenta duas formas principais: hostil e benévolo. O sexismo hostil evidencia crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão; e o sexismo benevolente refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, evidenciando o sentido paternalista que a descreve como pessoa frágil, que necessita de atenção, mas que também pode complementar o homem (Formiga, Golveia, & Santos, 2002). Partindo desse pressuposto, um construto que se alinha as discussões sobre o sexismo, refere-se à teoria da “Orientação à Dominância Social”, a qual captura a extensão dos desejos dos indivíduos de dominar e a desigualdade com base nos grupos. Esses desejos de domínio social são expressos em atos individuais de discriminação e participação em processos intergrupais e

institucionais que produzem melhores resultados para os dominantes do que para os dominados (Pratto, Sidanius, & Levin, 2006).

A dicotomia de masculino x feminino ainda está inserida nas tradições de quase todas as culturas e as sociedades constroem estereótipos de gênero que se apresentam tanto no comportamento dos sujeitos, como em suas avaliações cognitivas de si mesmo e dos outros, segundo estas categorias (Lobato, 2001). Os estereótipos de gênero configuram-se por crenças sobre o que caracteriza homens e mulheres (Natividade, Laskoski, Barros, & Hutz, 2014), é comum encontrar na sociedade conjunto de ideias concernente à natureza da masculinidade e feminilidade (Formiga & Camino, 2001). Determinadas características são mais comumente relacionadas às mulheres e outras aos homens; como características tradicionalmente atribuídas às mulheres podem ser citadas aquelas que favorecem o ensino, o cuidado, as atividades domésticas cotidianas, a maternagem, a sensibilidade, a passividade, a meiguice e a tolerância; com relação às características tradicionalmente associadas aos homens podem ser citadas as de liderança, agressividade, força física, lógica e ousadia (Lima, Voig, Feijó, Camargo, & Cardoso, 2017).

Uma revisão integrativa da literatura que buscou discutir os estudos publicados nos últimos cinco anos abordando a variável gênero na escolha profissional e de carreira recuperaram nove artigos (sete empíricos, um teórico e um teórico-empírico), mostrou que apesar do número pouco expressivo de estudos encontrados foi possível encontrar diferenças de gênero em diversas facetas na área da Orientação Profissional e de Carreira. Os autores concluíram que existem poucos estudos sobre a temática no contexto brasileiro, evidenciando a necessidade e importância de novas pesquisas que viabilizem a reflexão e discussão das questões de gênero no tocante a escolha profissional e de carreira (Santana-Santos & Cerqueira-Santos, 2020).

A partir desse panorama, este estudo buscou analisar a influência dos estereótipos de gênero no julgamento de profissões vistas socialmente como masculinas ou femininas, sob a perspectiva de adolescentes que se encontram em processo de escolha profissional. Acredita-se que no Brasil, os projetos de vida relacionados à escolha profissional e de carreira perpassam por uma questão cultural muito específica, ligada a questões como o sexismo, a dominância social e a divisão sexual do trabalho, as quais contribuem significativamente para a reprodução de lugares sociais diferentes para homens e mulheres, a partir da atribuição de papéis de gênero, levando a construção de crenças e comportamentos que influenciam nos interesses e conseqüentemente nas escolhas.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo de caráter quantitativo, exploratório e analítico (*survey* e desenho quase-experimental de cenários).

Participantes

A amostra foi constituída por adolescentes maiores de 14 anos, de diferentes perfis sociodemográficos, convidados a partir de uma chamada on-line para responder a pesquisa. A amostra foi aleatória e os critérios de inclusão eram: adolescentes a partir de 14 anos, que estavam cursando o ensino médio e que aceitaram o termo de consentimento. Com base no critério cenário/sujeitos, o número mínimo a ser alcançado era de 100 participantes para cada cenário, podendo extrapolar essa meta. Os convites foram amplamente divulgados para garantir que indivíduos de vários estados do Brasil respondessem, assim como para que se conseguisse uma boa proporção de diferentes perfis demográficos em termos de renda, gênero, orientação sexual, tipo de instituição e opção de curso que pretendiam prestar no vestibular/Enem. A amostra final foi composta por 486 adolescentes.

Instrumentos

Como proposto no desenho quase-experimental, os participantes foram encaminhados aleatoriamente a um dos quatro diferentes cenários, os quais descreviam uma breve história de uma pessoa que busca por uma vaga no mercado de trabalho. Cada dois cenários contavam a mesma história, alterando apenas os nomes dos envolvidos, de forma a caracterizar uma profissão socialmente considerada feminina sendo interpretada por uma mulher (Enfermagem – Fabiana), uma profissão socialmente considerada feminina sendo interpretada por um homem (Enfermagem – Felipe), uma profissão socialmente considerada como masculina sendo interpretada por uma mulher (Engenharia Civil – Marta) e uma profissão socialmente considerada como masculina sendo interpretada por um homem (Engenharia Civil – Marcos). Logo em seguida, os participantes responderam sete perguntas que verificavam a compatibilidade da pessoa para o cargo, entre elas: cinco perguntas sobre concordância ou discordância (em escala *likert*), uma pergunta dicotômica (sim ou não) e uma pergunta aberta.

A seguir: 1) O quanto você acha que essa pessoa é o funcionário ideal para o cargo?; 2) O quanto você acha que essa pessoa tem conhecimento e competência para assumir o cargo?; 3) O quanto você acha que a vida pessoal dessa pessoa é apropriada para essa profissão?; 4) O quanto você acha que essa pessoa será firme para executar as tarefas a ela designadas?; 5) O quanto você acha que o sexo/gênero dessa pessoa é apropriado para desempenhar as tarefas desta profissão?; 6) Na sua opinião esta pessoa é adequada para o cargo? e 7) Justifique sua resposta.

Numa segunda etapa, os participantes responderam quatro instrumentos: duas escalas, um inventário e um questionário de dados sociodemográficos. *Escala de Papéis de Gênero*: elaborada por Barros, Natividade e Hutz (2013), possui 14 itens e é utilizada com o objetivo de aferir papéis de gênero, com índice de precisão verificado por meio do Coeficiente Alfa de Cronbach, sendo que para Feminilidade o valor foi de 0,76 e para Masculinidade foi de 0,70. *Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA)*: elaborado originalmente em língua inglesa (Glick & Fiske, 1996) e adaptado por Formiga, Golveia e Santos (2002), possui 22 itens que avaliam as atitudes em relação às mulheres a respeito de duas dimensões do sexismo, o hostil e o benévolo, apresentou parâmetros psicométricos para a população brasileira com os seguintes indicadores de ajuste: GFI = 0,77 e AGFI = 0,72; $\chi^2/g.l.$ = 3,18; e SRMR = 0,10. *Escala de Orientação à Dominância Social - 7* (Ho et al., 2015) é uma medida de autorrelato composta por 2 fatores substanciais (“Dominância Social” e “Anti-Igualitarismo”) e 2 fatores de método (pró-traço x contra-traço). No estudo original de desenvolvimento, o instrumento apresentou boas propriedades psicométricas (CFI > 0,90; RMSEA < 0,08; χ^2 /graus de liberdade < 2,00) em sete amostras diferentes, além de boa validade convergente, divergente e de critério entre grupos. Na versão em português da SDO₇ as respostas podiam variar em uma escala *Likert* de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Para este estudo foi utilizada a versão longa da SDO₇ para o contexto nacional (Vilanova, Soares, Quadros Duarte, & Costa, 2020), que apresentou Coeficiente Alfa de Cronbach superior a 0,70. *Questionário sociodemográfico*: elaborado pelos autores do estudo, contendo questões que abrangem dados sociodemográficos e questões relacionadas a escolha profissional.

Procedimentos para coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de uma *survey*, os participantes foram convidados para responder a pesquisa através de uma chamada pública em redes sociais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter*) entre 30 de março e 12 de maio de 2020. O anúncio

de divulgação da pesquisa foi gerado via rede social para que um maior número de adolescentes fosse alcançado. A partir de um questionário criado no *Google Docs*, foi gerado um *link*, no qual os participantes tinham acesso à pesquisa, bem como ao termo de consentimento e à uma breve descrição sobre o estudo, a partir da qual era possível clicar no botão de concordar em participar do estudo e assim prosseguir. Nesse momento, era solicitado que o participante escolhesse um número entre 1 e 4, assim ele era direcionado para um dos cenários de descrição da situação e em sequência para os demais instrumentos. As respostas foram transferidas para o SPSS sem a identificação dos respondentes. Ao final do questionário, havia a possibilidade de o respondente disponibilizar o seu e-mail para que, em um momento posterior, fosse informado dos resultados obtidos pela amostra em geral.

Aspectos éticos da pesquisa

Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes deste estudo foram assegurados, com base nas Resoluções nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012), nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2016) e nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000). Além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, afirmou-se a garantia de sigilo das informações pessoais e a possibilidade de o participante desistir da pesquisa a qualquer momento não havendo problema quanto a isso. A pesquisa foi encaminhada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe (CAAE: 28215819.3.000.5546).

Análise de dados

Os dados foram analisados quantitativamente a partir do programa estatístico SPSS, versão 23. Foram realizadas análises univariadas descrevendo a amostra a partir dos dados sociodemográficos. Na estatística inferencial bivariada paramétrica, foram aplicados os testes *t* de Student (*t*) (gênero, tipo de instituição, renda e local de moradia *versus* sexismo hostil, sexismo benevolente, dominância social e anti-igualitarismo), ANOVA *one-way* (*F*) (identidade racial, orientação sexual e religião *versus* sexismo hostil, sexismo benevolente, dominância social, anti-igualitarismo), foi utilizado o teste *post hoc* de Tukey para as análises ANOVA realizadas nesse estudo e também foi aplicada a correlação de Pearson (*r*) (cenários (1, 2, 3 e 4), papéis de gênero (feminilidade), papéis de gênero (masculinidade), sexismo hostil, sexismo benevolente, dominância social e anti-igualitarismo). As análises bivariadas

viabilizaram a comparação de grupos para as respostas sobre os cenários e a associação com as variáveis medidas pelas escalas. A partir das questões aplicadas após os cenários, foi calculado um escore de concordância/discordância sobre a adequação cargo-perfil da pessoa. Foram comparados os escores produzidos para os quatro grupos de acordo com os cenários (feminino-feminino, feminino-masculino, masculino-feminino, masculino-masculino). Cada grupo de cenários foi comparado para as variáveis sexismo hostil, sexismo benevolente, dominância social, anti-igualitarismo.

Resultados

A amostra foi composta por 486 adolescentes de diferentes perfis sociodemográficos (Tabela 7), destes, 344 (70,8%) se autodeclararam do gênero feminino, 140 (28,8%) se autodeclararam do gênero masculino e apenas 2 (0,4%) como outro. A respeito da orientação sexual, 380 (78,2%) se autodeclararam como heterossexuais, 88 (18,1%) bissexuais e 18 (3,7%) homossexuais. A idade variou de 14 a 23 anos, com média de 16,35 anos ($DP = 1,37$). No que se refere a identidade racial, a maioria se autodeclarou como pardos (as) ($n = 236$; 48,6%) e brancos (as) ($n = 179$; 36,8%). Acerca da religião, houve maior concentração para a católica, com 220 (45,3%) respondentes.

No que concerne aos dados escolares, 284 (58,4%) são provenientes de escola pública e 202 (41,6%) são de escola particular. Com relação a série escolar, 128 (26,3%) são alunos do primeiro ano do ensino médio, 113 (23,3%) do segundo ano do ensino médio e 245 (50,4%) do terceiro ano do ensino médio. A respeito dos cursos que pretendem prestar no vestibular/Enem, 107 (22%) pensam em Medicina, 60 (12,3%) em Direito, 49 (10,1%) em Psicologia, 29 (6%) em Engenharia, 71 (14,6%) ainda não sabem que curso prestar e 170 (35%) pensam em outros cursos.

Em relação as questões de moradia, renda e acesso à tecnologia; 389 (80%) residem na zona urbana e 97 (20%) residem na zona rural, destaca-se que 326 (67,1%) são do interior e 160 (32,9%) são da capital. Quanto ao estado, os adolescentes foram predominantes de Sergipe 315 (64,8%) e da Bahia 66 (13,6%). A grande maioria reside com os pais ($n = 420$; 86,4%), em residência própria ($n = 400$; 82,3%), não trabalham e são sustentados pela família ou por outras pessoas ($n = 418$; 86%), a renda mensal familiar varia entre menos de 1 mil reais à 3 mil reais ($n = 298$; 61,3%), têm acesso à internet em casa ($n = 470$; 96,7%) e tem aparelho celular ($n = 477$, 98,1%).

Tabela 7. Dados sociodemográficos

Características	Distribuição estatística		
	Grupos	Frequência (n)	Porcentagem
Gênero	Feminino	344	70,8%
	Masculino	140	28,8%
	Outro	2	0,4%
Orientação Sexual	Heterossexual	380	78,2%
	Homossexual	18	3,7%
	Bissexual	88	18,1%
Idade	14 – 18 anos	465	95,7%
	19 – 23 anos	20	4,1%
	Omisso	1	0,2%
Identidade Racial	Branços	179	36,8%
	Pardos	236	48,6%
	Pretos	58	11,9%
	Amarelos	8	1,6%
	Indígenas	5	1,0%
Religião	Católica	220	45,3%
	Evangélica	87	17,9%
	Protestante	11	2,3%
	Espírita	20	4,1%
	Agnóstico	15	3,1%
	Afro-brasileiras	4	0,8%
	Sem religião	104	21,4%
	Outra	25	5,1%
Série escolar	Primeiro ano	128	26,3%
	Segundo ano	113	23,3%
	Terceiro ano	245	50,4%
Curso pretendido	Medicina	107	22%
	Direito	60	12,3%

	Psicologia	49	10,1%
	Engenharia	29	6%
	Outros	170	35%
	Não sei	71	14,6%
Local de residência	Zona urbana	389	80%
	Zona rural	97	20%
Estado	Sergipe	315	64,8%
	Bahia	66	13,6%
	São Paulo	20	4,1%
	Outros	85	17,5%
Com quem reside	Com os pais	420	86,4%
	Com os parentes	43	8,8%
	Com os amigos	1	0,2%
	Casa de estudante	2	0,4%
	Sozinho (a)	2	0,4%
	Outro	18	3,7%
Tipo de residência	Própria	400	82,3%
	Alugada	64	13,2%
	Outra	22	4,5%
Participação na renda	Não trabalha e é sustentado (a) pela família ou por outras pessoas	418	86%
	Trabalha, mas recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas	30	6,2%
	Trabalha e é responsável pelo sustento, além de contribuir parcialmente para o sustento da família	18	3,7%
	Trabalha e é responsável apenas pelo seu próprio sustento	11	2,3%
	Trabalha e é o principal responsável pelo sustento da família	9	1,9%
Renda	Menos de 1 mil reais	95	19,5%
	De 1 mil reais a 3 mil reais	203	41,8%
	De 3 mil reais a 6 mil reais	90	18,5%
	De 6 mil reais a 10 mil reais	54	11,1%
	Mais de 10 mil reais	44	9,1%
Acesso à internet	Sim	470	96,7%
	Não	16	3,3%

Celular	Sim	477	98,1%
	Não	9	1,9%

Com relação à variável gênero (Tabelas 8 e 9) foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para as variáveis *sexismo hostil*, *sexismo benevolente*, *dominância social* e *anti-igualitarismo*. No caso de sexismo hostil, indicando que os autodeclarados do gênero masculino ($M = 2,49$; $DP = 0,75$) possuíam significativamente maiores médias que os autodeclarados do gênero feminino ($M = 1,95$; $DP = 0,75$) ($t = 7,191$; $p < 0,001$). Quanto ao sexismo benevolente, mostrando que os indivíduos do gênero masculino ($M = 2,68$; $DP = 0,76$) pontuaram significativamente mais do que os indivíduos do gênero feminino ($M = 2,25$; $DP = 0,72$) ($t = 5,734$ e $p < 0,001$). Na variável dominância social, a estatística mostrou que os participantes do gênero masculino ($M = 2,71$; $DP = 1,15$) pontuaram significativamente mais que as participantes do gênero feminino ($M = 2,35$; $DP = 1,06$) ($t = 3,253$ e $p = 0,001$). No anti-igualitarismo, a estatística mostrou que o gênero masculino ($M = 2,35$; $DP = 1,12$) foi significativamente maior que o gênero feminino ($M = 1,92$; $DP = 1,08$) ($t = 3,876$ e $p < 0,001$).

Tabela 8. Anova e testes t comparativo das médias do Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA).

Características		Resultados					
		Sexismo hostil			Sexismo benevolente		
		<i>M(DP)</i>	<i>t/F</i>	<i>p</i>	<i>M(DP)</i>	<i>t/F</i>	<i>p</i>
Gênero	Masculino	2,49(0,75)	7,191	0,000	2,68(0,76)	5,734	0,000
	Feminino	1,95(0,75)			2,25(0,72)		
Instituição	Pública	2,20(0,82)	3,268	0,001	2,48(0,77)	3,411	0,001
	Privada	1,97(0,73)			2,44(0,71)		
Renda	Baixa	2,19(0,82)	3,011	0,003	2,47(0,76)	3,347	0,001
	Alta	1,97(0,72)			2,23(0,73)		
Local de moradia	Capital	1,95(0,72)	-3,018	0,003	2,26(0,74)	-2,456	0,014
	Interior	2,18(0,81)			2,44(0,75)		
Identidade racial	Branco (a)	1,88(0,71)	8,011	0,000	2,22(0,66)	4,987	0,001
	Pardo (a)	2,17(0,76)			2,43(0,77)		
	Preto	2,46(0,96)			2,58(0,86)		
	Amarelo (a)	2,22(0,86)			2,25(0,73)		
	Indígena	2,75(0,43)			3,20(0,46)		

Orientação sexual	Heterossexual	2,16(0,78)	5,603	0,004	2,43(0,75)	4,640	0,010
	Homossexual	2,11(1,01)			2,40(0,77)		
	Bissexual	1,85(0,75)			2,16(0,76)		
Religião	Católico	2,17(0,72)	7,606	0,000	2,44(0,68)	14,777	0,000
	Evangélico/Protestante	2,34(0,77)			2,68(0,81)		
	Espírita/Afro brasileiras	1,87(0,67)			1,86(0,49)		
	Agnóstico/Sem religião/Não sei	1,89(0,87)			2,16(0,75)		

Tabela 9. Anova e testes t comparativo das médias da Escala de Orientação à Dominância Social (SDO7).

Características		Resultados					
		Dominância social			Anti-igualitarismo		
		<i>M(DP)</i>	<i>t/F</i>	<i>p</i>	<i>M(DP)</i>	<i>t/F</i>	<i>p</i>
Gênero	Masculino	2,71(1,15)	3,253	0,001	2,35(1,12)	3,876	0,000
	Feminino	2,35(1,06)			1,92(1,08)		
Instituição	Pública	2,51(1,12)	1,420	0,156	2,14(1,20)	2,411	0,016
	Privada	2,37(1,06)			1,90(0,95)		
Renda	Baixa	2,47(1,10)	0,433	0,665	2,08(1,20)	1,056	0,291
	Alta	2,42(1,09)			1,97(0,94)		
Local de moradia	Capital	2,32(1,05)	-1,873	0,062	1,85(0,98)	-2,697	0,007
	Interior	2,52(1,11)			2,13(1,16)		
Identidade racial	Branco (a)	2,25(1,08)	3,513	0,008	1,87(0,93)	1,767	0,134
	Pardo (a)	2,50(1,02)			2,13(1,20)		
	Preto	2,75(1,28)			2,09(1,19)		
	Amarelo (a)	3,11(1,40)			2,47(0,79)		
	Indígena	2,75(0,71)			2,25(1,39)		
Orientação sexual	Heterossexual	2,52(1,10)	4,333	0,014	2,10(1,14)	3,064	0,048
	Homossexual	2,55(1,15)			1,75(0,84)		
	Bissexual	2,14(1,03)			1,81(0,98)		
Religião	Católico	2,52(1,08)	5,223	0,001	1,92(1,00)	4,794	0,003
	Evangélico/Protestante	2,65(1,08)			2,38(1,35)		
	Espírita/Afro brasileiras	2,80(1,25)			2,31(1,12)		
	Agnóstico/Sem religião/Não sei	2,17(1,06)			1,94(1,03)		

No que diz respeito à variável tipo de instituição (Tabela 8 e 9), apresentaram também significância estatísticas os testes conduzidos com *sexismo hostil*, *sexismo benevolente* e *anti-igualitarismo*. No caso do sexismo hostil, indicando que a instituição pública ($M = 2,20$; $DP = 0,82$) possuía significativamente maior média do que a instituição privada ($M = 1,97$; $DP = 0,73$) ($t = 3,268$ e $p = 0,001$). Quanto ao sexismo benevolente, a instituição pública ($M = 2,48$; $DP = 0,77$) é significativamente superior a instituição privada ($M = 2,24$; $DP = 0,71$) ($t = 3,411$ e $p = 0,001$). No que se refere ao anti-igualitarismo, a instituição pública ($M = 2,14$; $DP = 1,20$) é significativamente superior a instituição privada ($M = 1,90$; $DP = 0,95$) ($t = 2,411$ e $p = 0,016$). As análises conduzidas com *dominância social* não mostraram diferença estatisticamente significativa entre os grupos de instituição privada ou pública.

A variável renda (Tabelas 8 e 9), apresentou significância estatística nas análises conduzidas apenas com *sexismo hostil* e *sexismo benevolente*. No caso do sexismo hostil, indicando que os sujeitos de renda baixa ($M = 2,19$; $DP = 0,82$) foram significativamente superiores aos de renda alta ($M = 1,97$; $DP = 0,72$) ($t = 3,011$ e $p = 0,003$). Quanto ao sexismo benevolente, os sujeitos de renda baixa ($M = 2,47$; $DP = 0,76$) foram significativamente superiores aos de renda alta ($M = 2,23$; $DP = 0,73$) ($t = 3,347$ e $p = 0,001$). As análises conduzidas com *dominância social* e *anti-igualitarismo* não mostraram diferença estatisticamente significativa entre os grupos de maior ou menor renda.

A variável local de moradia (Tabelas 8 e 9), apresentou significância estatística nas análises conduzidas com *sexismo hostil*, *sexismo benevolente* e *anti-igualitarismo*. No caso do sexismo hostil, indicando que quem reside no interior ($M = 2,18$; $DP = 0,81$) apresentou significativamente maiores médias do que quem reside na capital ($M = 1,95$; $DP = 0,72$) ($t = -3,018$ e $p = 0,003$). Quanto ao sexismo benevolente, os residentes do interior ($M = 2,44$; $DP = 0,75$) também apresentaram significativamente maiores médias que a capital ($M = 2,26$; $DP = 0,74$) ($t = -2,456$ e $p = 0,014$). No que se refere ao anti-igualitarismo, quem reside no interior ($M = 2,13$; $DP = 1,16$) mais uma vez foi significativamente superior a quem reside na capital ($M = 1,85$; $DP = 0,98$) ($p = -2,697$ e $t = 0,007$). As análises conduzidas com *dominância social* não mostraram diferença estatisticamente significativa entre grupos do interior ou da capital.

Apresentaram significâncias estatísticas as análises de variância conduzidas com identidade racial (Tabela 8 e 9) para o *sexismo hostil* [$F(4,481) = 8,001$; $p < 0,001$], *sexismo benevolente* [$F(4,481) = 4,987$; $p = 0,001$] e para a *dominância social* [$F(4,470) = 3,513$; $p = 0,008$]. Em relação ao sexismo hostil, a diferença é encontrada entre brancos ($M = 1,88$; $DP = 0,71$) e pardos ($M = 2,17$; $DP = 0,76$) ($p = 0,002$) e entre brancos ($M = 1,88$; $DP = 0,71$) e pretos

($M = 2,46$; $DP = 0,96$) ($p < 0,001$). No que se refere ao sexismo benevolente, a diferença é encontrada entre brancos ($M = 2,22$; $DP = 0,66$) e pardos ($M = 2,43$; $DP = 0,77$) ($p = 0,034$), entre brancos ($M = 2,22$; $DP = 0,66$) e pretos ($M = 2,58$; $DP = 0,86$) ($p = 0,012$) e entre brancos ($M = 2,22$; $DP = 0,66$) e indígenas ($M = 3,20$; $DP = 0,46$) ($p = 0,032$). Quanto a dominância social, a diferença é encontrada entre brancos ($M = 2,25$; $DP = 1,08$) e pretos ($M = 2,75$; $DP = 1,28$) ($p = 0,023$). As análises de variância conduzidas com *anti-igualitarismo* não mostraram diferença estatisticamente significativa entre os grupos de brancos, pardos, pretos, amarelos e indígenas.

No que se refere à orientação sexual (Tabela 8 e 9), apresentaram significância estatística as análises de variância conduzidas com *sexismo hostil* [$F(2,483) = 5,603$; $p = 0,004$], *sexismo benevolente* [$F(2,483) = 4,640$; $p = 0,010$] e com *dominância social* [$F(2,472) = 4,333$; $p = 0,014$]. Em relação ao sexismo hostil, a diferença é encontrada entre heterossexuais ($M = 2,16$; $DP = 0,78$) e bissexuais ($M = 1,85$; $DP = 0,75$) ($p = 0,003$). Quanto ao sexismo benevolente, a diferença é encontrada entre heterossexuais ($M = 2,43$; $DP = 0,75$) e bissexuais ($M = 2,16$; $DP = 0,76$) ($p = 0,007$). Na dominância social, a diferença também é encontrada entre heterossexuais ($M = 2,52$; $DP = 1,10$) e bissexuais ($M = 2,14$; $DP = 1,03$) ($p = 0,010$). As análises de variância conduzidas com *anti-igualitarismo* não mostraram diferença estatisticamente significativa entre os grupos de heterossexuais, homossexuais e bissexuais.

A variável religião (Tabela 8 e 9) também apresentou significância estatística nas análises de variância conduzidas com *sexismo hostil* [$F(3,482) = 7,606$; $p = 0,000$], *sexismo benevolente* [$F(3,482) = 14,777$; $p = 0,000$], *dominância social* [$F(3,471) = 5,223$; $p = 0,001$] e com o *anti-igualitarismo* [$F(3,471) = 4,794$; $p = 0,003$]. Em relação ao sexismo hostil, a diferença é encontrada entre católicos ($M = 2,17$; $DP = 0,72$) e agnósticos/sem religião/não sei ($M = 1,89$; $DP = 0,87$) ($p = 0,006$), entre evangélicos/protestantes ($M = 2,34$; $DP = 0,77$) e espíritas/afro-brasileiros ($M = 1,87$; $DP = 0,67$) ($p = 0,042$) e entre evangélicos/protestantes ($M = 2,34$; $DP = 0,77$) e agnósticos/sem religião/não sei ($M = 1,89$; $DP = 0,87$) ($p < 0,001$). No que se refere ao sexismo benevolente, a diferença é encontrada entre católicos ($M = 2,44$; $DP = 0,68$) e evangélicos/protestantes ($M = 2,68$; $DP = 0,81$) ($p = 0,036$), entre católicos ($M = 2,44$; $DP = 0,68$) e espíritas/afro-brasileiros ($M = 1,86$; $DP = 0,49$) ($p = 0,001$), entre católicos ($M = 2,44$; $DP = 0,68$) e agnósticos/sem religião/ não sei ($M = 2,16$; $DP = 0,75$) ($p = 0,002$), entre evangélicos/protestantes ($M = 2,68$; $DP = 0,81$) e espíritas/afro-brasileiros ($M = 1,86$; $DP = 0,49$) ($p < 0,001$) e entre evangélicos/protestantes ($M = 2,68$; $DP = 0,81$) e agnósticos/sem religião/ não sei ($M = 2,16$; $DP = 0,75$) ($p < 0,001$). No que diz respeito a dominância social, a diferença é encontrada entre católicos ($M = 2,52$; $DP = 1,08$) e agnósticos/sem religião/não sei

($M = 2,17$; $DP = 1,06$) ($p = 0,019$) e entre evangélicos/protestantes ($M = 2,65$; $DP = 1,08$) e agnósticos/sem religião/não sei ($M = 2,17$; $DP = 1,06$) ($p = 0,005$). E em relação ao anti-igualitarismo, a diferença é encontrada entre católicos ($M = 1,92$; $DP = 1,00$) e evangélicos/protestantes ($M = 2,38$; $DP = 1,35$) ($p = 0,004$) e entre evangélicos/protestantes ($M = 2,38$; $DP = 1,35$) e agnósticos/sem religião/ não sei ($M = 1,94$; $DP = 1,03$) ($p = 0,012$). Uma ANOVA foi realizada para comparação das escalas (ISA e SDO₇) com os cursos escolhidos pelos estudantes (Medicina, Direito, Psicologia e Engenharia), mas não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Análises de correlação de Pearson foram realizadas com base nos resultados significativos apresentados a priori (Tabela 10). No que concerne a uma profissão socialmente vista feminina sendo interpretada por uma mulher (Cenário 1), foram encontradas correlações negativas significativas com a dominância social ($r = -0,196$; $p = 0,036$) e o anti-igualitarismo ($r = -0,247$; $p = 0,008$) e correlações positivas significativas com os papéis de gênero (feminilidade) ($r = 0,194$; $p = 0,035$). No que se refere a uma profissão socialmente vista como feminina sendo interpretada por um homem (Cenário 2), foram encontradas correlações negativas significativas com a dominância social ($r = -0,232$; $p = 0,010$) e com o anti-igualitarismo ($r = -0,198$; $p = 0,028$) e correlações positivas significativas com os papéis de gênero (feminilidade) ($r = 0,180$; $p = 0,044$). No que diz respeito a uma profissão socialmente vista como masculina sendo interpretada por uma mulher (Cenário 3), foram encontradas correlações negativas significativas com a dominância social ($r = -0,263$; $p = 0,004$), com o anti-igualitarismo ($r = -0,299$; $p = 0,001$) e com o sexismo hostil ($r = -0,254$; $p = 0,006$). Para o cenário 4, que trata de uma profissão masculina sendo interpretada por um homem, não foram encontrados resultados significativos nas correlações.

Tabela 10. Correlações de Pearson entre os escores dos cenários e as médias dos instrumentos (Escala de Papéis de Gênero, ISA, SDO₇).

		Coeficientes de correlação r										
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
1	Cenário 1	r	1	a	a	a	0,194*	0,091	-0,162	0,025	-0,196*	-0,247**
	Enfermagem Fabiana	p	.	.	.	0,035	0,325	0,080	0,787	0,036	0,008	
		n	118	0	0	0	118	118	118	118	114	114
2	Cenário 2	r	1	a	a	0,180*	0,083	-0,111	-0,113	-0,232*	-0,198*	
	Enfermagem Felipe	p	.	.	.	0,044	0,357	0,218	0,208	0,010	0,028	
		n	126	0	0	126	126	126	126	122	124	

3	Cenário 3 Engenharia Civil Marta	<i>r</i>	1	a	-0,082	0,045	-0,254**	-0,163	-0,263**	-0,299**
		<i>p</i>			0,377	0,627	0,006	0,079	0,004	0,001
		<i>n</i>			117	0	117	117	117	117
4	Cenário 4 Engenharia Civil Marcos	<i>r</i>	1		0,064	0,033	-0,081	-0,025	-0,103	-0,046
		<i>p</i>			0,479	0,715	0,371	0,783	0,257	0,616
		<i>n</i>			125	125	125	125	125	124
5	Papéis de Gênero Feminilidade	<i>r</i>	1		0,642**	-0,072	0,058	-0,131**	-0,239**	
		<i>p</i>			0,000	0,111	0,202	0,004	0,000	
		<i>n</i>			486	486	486	486	475	475
6	Papéis de Gênero Masculinidade	<i>r</i>	1		0,057	0,094*	-0,064	-0,137**		
		<i>p</i>			0,207	0,038	0,167	0,003		
		<i>n</i>			486	486	486	475	475	
7	Sexismo hostil	<i>r</i>	1		0,666**	0,451**	0,338**			
		<i>p</i>			0,000	0,000	0,000			
		<i>n</i>			486	486	475	475		
8	Sexismo benevolente	<i>r</i>	1		0,357**	0,221**				
		<i>p</i>			0,000	0,000				
		<i>n</i>			486	475	475			
9	Dominância social	<i>r</i>	1		0,599**					
		<i>p</i>			0,000					
		<i>n</i>			475	468				
10	Anti-igualitarismo	<i>r</i>	1		0,221**					
		<i>p</i>			0,001					
		<i>n</i>			475					

*: A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

** : A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

a: Não é possível calcular porque pelo menos uma das variáveis é constante.

Através da correlação de Pearson, foi possível verificar que os papéis de gênero (feminilidade) apresentam correlações positivas significativas com os papéis de gênero (masculinidade) ($r = 0,642$; $p < 0,001$) e correlações negativas significativas com a dominância social ($r = -0,131$; $p = 0,004$) e com o anti-igualitarismo ($r = -0,239$; $p < 0,001$). Além disso, os papéis de gênero (masculinidade) apresentam correlações positivas significativas com o sexismo benevolente ($r = 0,094$; $p = 0,038$) e correlações negativas significativas com anti-igualitarismo ($r = -0,137$; $p = 0,003$). O sexismo hostil apresentou fortes correlações positivas e significativas com o sexismo benevolente ($r = 0,666$; $p < 0,001$), com a dominância social ($r = 0,451$; $p < 0,001$) e com o anti-igualitarismo ($r = 0,338$; $p < 0,001$). O sexismo benevolente também apresentou fortes correlações positivas e significativas com a dominância social ($r = 0,357$; $p < 0,001$) e com o anti-igualitarismo ($r = 0,221$; $p < 0,001$). A dominância social

apresentou uma forte correlação positiva e significativa com o anti-igualitarismo ($r = 0,599$; $p < 0,001$).

Foram realizadas quatro regressões lineares, uma para o desfecho de cada cenário considerando as variáveis gênero, série escolar, renda, papéis de gênero (feminilidade), papéis de gênero (masculinidade), sexismo hostil, sexismo benevolente, dominância social e anti-igualitarismo. O melhor modelo explicativo foi encontrado para o cenário 3 (Profissão socialmente considerada masculina sendo interpretada por uma mulher), conforme exposto na tabela 11. No modelo de regressão linear, tendo como variável de desfecho a concordância para o cenário 1 (Profissão socialmente considerada feminina sendo interpretada por uma mulher), o modelo apresentou variância explicada de 15% [$F(9,102) = 2,023$; $p = 0,044$, $r^2 = 0,151$], tendo como única variável significativa a renda ($\beta = 0,201$; $t = 2,078$; $p = 0,040$). No modelo de regressão linear, tendo como variável de desfecho a concordância para o cenário 2 (Profissão socialmente considerada feminina sendo interpretada por um homem), o modelo apresentou variância explicada de 8% [$F(9,112) = 1,141$; $p = 0,341$, $r^2 = 0,084$] e não apontou nenhuma variável significativa. No modelo de regressão linear, tendo como variável de desfecho a concordância para o cenário 4 (Profissão socialmente considerada masculina sendo interpretada por um homem), o modelo apresentou variância explicada de 3% [$F(9,111) = 0,392$; $p = 0,937$, $r^2 = 0,031$] e não apontou nenhuma variável significativa.

A tabela 4 mostra uma regressão linear tendo como variável de desfecho o escore realizado a partir das perguntas sobre concordância ou discordância (em escala) para a compatibilidade da pessoa com o cargo do Cenário 3 (Profissão socialmente considerada masculina sendo interpretada por uma mulher). O modelo final apresentou variância explicada de 22% [$F(9,103) = 3,224$; $p = 0,002$, $r^2 = 0,220$], que considera as variáveis gênero, série escolar, renda, papéis de gênero (feminilidade), papéis de gênero (masculinidade), sexismo hostil, sexismo benevolente, dominância social e anti-igualitarismo. As variáveis papéis de gênero (feminilidade) ($\beta = -0,279$; $t = -2,397$; $p = 0,018$) e sexismo hostil ($\beta = -0,282$, $t = -2,194$, $p = 0,031$) são as únicas significativas para a associação com o desfecho.

Tabela 11. Regressão linear simples para escore em relação ao Cenário 3 (Engenharia Civil – Marta)

Modelo: Profissão socialmente vista como masculina sendo interpretada por uma mulher	Carga	Erro padrão	β	t	p
Gênero	-0,177	0,110	-0,158	-1,599	0,113

Série escolar	0,103	0,057	0,173	1,799	0,075
Papéis de Gênero (Feminilidade)	-0,101	0,042	-0,279	-2,397	0,018
Papéis de Gênero (Masculinidade)	0,071	0,042	0,190	1,666	0,099
Sexismo hostil	-0,182	0,083	-0,282	-2,194	0,031
Sexismo benevolente	0,071	0,105	0,089	0,675	0,501
Dominância social	-0,014	0,057	-0,031	-0,240	0,811
Anti-igualitarismo	-0,109	0,059	-0,215	-1,844	0,068
Renda	0,037	0,098	0,036	0,380	0,705

Discussão

O objetivo do presente estudo foi analisar a influência dos estereótipos de gênero no julgamento de profissões vistas socialmente como masculinas ou femininas, sob a perspectiva de adolescentes que se encontram em processo de escolha profissional. Os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres são frequentemente questionados e carregados de estereótipos ligados as características e as competências dadas socialmente para cada gênero, impactando diretamente nos lugares ocupados por homens e mulheres em diversos âmbitos, inclusive no mundo do trabalho. As atitudes do papel de gênero e sua influência nas percepções do desempenho masculino e feminino no trabalho são aspectos importantes para a compreensão da desigualdade de gênero no local de trabalho (Buchanan, 2014), existe uma tendência de se considerar as mulheres menos competentes do que os homens (Conceição, Amorim, & Pereira, 2020).

Os dados exploratórios desse estudo revelam que nas análises conduzidas com gênero e as escalas ISA e SDO₇, os meninos apresentaram maiores médias que as meninas para as variáveis: sexismo hostil, sexismo benevolente, dominância social e anti-igualitarismo. Tal fato corrobora com os achados da pesquisa conduzida apenas com adolescentes masculinos sobre estereótipos de gênero e sexismo ambivalente, que apontou a persistência de visões estereotipadas e sexistas contra as mulheres, tanto através da hostilidade quanto da benevolência. São variáveis que geralmente se associam à dominação, discriminação, aos preconceitos e à violência, através de agressões físicas e psicológicas contra a mulher, bem como à manutenção de quadro de opressão do gênero feminino (Mesquita Filho, Eufrásio, & Batista, 2011).

O tipo de instituição de ensino (pública ou privada) e o local de moradia (capital ou interior) também foram fortemente associados ao sexismo hostil, sexismo benevolente e anti-igualitarismo. Os adolescentes de instituição pública e que residiam no interior apresentaram

as maiores médias de sexismo hostil, sexismo benevolente e anti-igualitarismo. O processo de ensino e aprendizagem de como ser menino e menina é definitivamente reforçado pela escola, que pode ser apontada como a grande (re)produtora, como instituição normativa que é, em todos os seus níveis, do sexismo e dos papéis de gênero, do que é socialmente considerado adequado e possível para um homem e para uma mulher, os modos adequados e possíveis de ser, agir, pensar, decidir, enfim, viver (Lima et al., 2017). Os marcadores culturais das juventudes podem estar associados aos papéis sociais de homens e mulheres, os quais recebem influências no âmbito das relações sociais que se dão na família, na escola e na sociedade em geral; a depender das bases que fundamentam tais influências, os resultados da caracterização dos papéis sociais de homens e mulheres são diferentes, podendo ter resultados de reforço ao escopo das posturas discriminatórias centradas no patriarcalismo, que acabam por segmentar escolhas e cargos profissionais das juventudes em função apenas da diferença biológica entre os sexos (Nascimento & Cruz, 2016).

A análise de correlação realizada para o Cenário 1 (Profissão socialmente considerada feminina sendo interpretada por uma mulher) mostrou correlações positivas significativas com os papéis de gênero (feminilidade). De acordo com a literatura, as principais motivações de estudantes do sexo feminino envolvem atividades profissionais vinculadas ao contato interpessoal e ajuda ao outro, pensamento criativo e abstrato, raciocínio lógico e pensamento organizado; e no que se refere a preferência por ambientes, locais e objetos de trabalho, apontaram apreciar locais que ofereçam a possibilidade de contato interpessoal e trabalhos com objetos suaves e utilizando o tato, instituições de ajuda (educacional ou de saúde) e disponibilidade para o cuidado ao outro e/ou que requeiram energia psíquica, mas também locais fechados em que se possa expor a criatividade e agir com espontaneidade (Jacquemin, Okino, Noce, Assoni, & Pasian, 2006; Shimada & Melo-Silva, 2013; Resende & Pasian, 2017). Existe uma representação de quais são os tipos de profissões vistas como mais adequadas para os homens e para as mulheres, visto que, no caso das mulheres, as profissões mais citadas sugeriram a imagem de uma mulher tida como mais delicada, doméstica e preocupada com a qualidade de vida das outras pessoas (Belo, Souza, & Camino, 2010).

Cabe ressaltar que, a análise de correlação realizada para o Cenário 2 (Profissão socialmente considerada feminina sendo interpretada por um homem) mostrou correlações positivas significativas com os papéis de gênero (feminilidade), apontando que é aceitável um homem ocupar uma profissão socialmente feminina. Nesse sentido, a literatura aponta que homens que não seguem carreiras masculinizadas, são discriminados por serem considerados inferiores e até mesmo questionados em relação às suas orientações sexuais, por optarem por

uma profissão tida como feminina. Dessa forma, acredita-se que a opção dos homens pela enfermagem, bem como sua inserção na categoria, é atravessada fortemente pelas dimensões de gênero (Cunha & Sousa, 2016).

Outro aspecto evidenciado pelas análises de correlações de Pearson e regressão linear, apontam a não aceitação de uma mulher ocupando uma profissão socialmente considerada masculina (Cenário 3: Marta – Engenharia Civil). Os resultados dessas análises levam à reflexão de que o sexismo tem uma direção, ele é machista e atrapalha a mulher, dificultando a sua inserção em uma carreira socialmente vista como masculina, subtende-se que a mulher não tem competência e nem as características necessárias para assumir as tarefas do cargo. Houve um aumento na inserção de mulheres nas profissões ainda consideradas hegemonicamente masculinas, como as engenharias, mas é importante destacar que esses avanços ainda vão de encontro a concepções sexistas presentes no mundo acadêmico e profissional (Moraes & Cruz, 2018). Um estudo conduzido com mulheres engenheiras mostrou que elas continuam a sofrer preconceitos no campo e que existem contínuos desafios estruturais e socioculturais em ambientes acadêmicos e no local de trabalho que contribuem negativamente para as experiências das mulheres na engenharia. Suas habilidades e realizações técnicas são negligenciadas e seu sexo afeta de maneira proeminente as primeiras impressões e interações contínuas; na academia, as mulheres experimentaram viés implícito em uma variedade de interações e ambientes, especialmente de colegas do sexo masculino em projetos de equipe em que as contribuições das mulheres são negligenciadas (Smith & Gayles, 2018).

De forma antagônica, as concepções sobre a inserção de mulheres em profissões socialmente vista como masculinas e de homens em profissões socialmente vista como femininas têm sido discutidas na literatura (Rabelo, 2013; Salvaro, Quadros, & Estevam, 2016; Casagrande & Souza, 2016; Cunha & Sousa, 2016; Viana, De Sousa, & Torres, 2018; Narimatsu & Duque, 2020); bem como os impactos e diferenças salariais entre eles, confirmando a ideia de que as mulheres ganham menos que os homens mesmo quando realizam a mesma atividade (Madalozzo & Artes, 2017; Barros & Mourão, 2018). Um estudo mostrou que os principais desafios que os participantes acreditam que as mulheres enfrentam são em relação à desigualdade salarial e ao machismo, pois são vistas como incapazes e inferiores aos homens em profissões tipicamente masculinas; já no que se refere aos desafios encontrados por homens em profissões tipicamente femininas, em geral, os participantes negaram haver dificuldades ou desafios, sob a crença de que homens e mulheres têm as mesmas capacidades, independente do espaço que ocupam e que não deveria existir essa diferenciação profissional com base no gênero (Viana, De Sousa, & Torres, 2018).

Considerando o fato de que este estudo foi conduzido com adolescentes, com idade de 14 a 23 anos, em termos gerais, os achados corroboram com o trabalho realizado com adolescentes masculinos acerca da existência de preconceitos nas manifestações dos estereótipos de gênero e sexismo ambivalente, os autores apontam a possibilidade de que os componentes do preconceito sexista contra as mulheres possam ter maior presença do que o estereótipo de gênero; os resultados deste trabalho também indicam que o preconceito contra a mulher provavelmente se instala precocemente (Mesquita Filho et al., 2011).

Destaca-se a necessidade da construção de referências positivas durante a educação básica, que desconstruam os estereótipos de gênero em relação às aprendizagens e futuras carreiras (Moraes & Cruz, 2018). São diferentes os processos de socialização e de educação de meninos e meninas ao longo da vida e, quando adultos, homens e mulheres enfrentam circunstâncias dessemelhantes para construir suas trajetórias acadêmicas (Narimatsu & Duque, 2020).

Considerações finais

Este estudo investigou a influência dos estereótipos de gênero no julgamento de profissões vistas socialmente como masculinas ou femininas, sob a perspectiva de adolescentes que se encontram em processo de escolha profissional. Foram abordados adolescentes em período escolar do ensino médio, dado que esta é uma fase crucial para as primeiras tomadas de decisão referentes à escolha profissional e de carreira. Os resultados foram satisfatórios para os objetivos pretendidos com o estudo, uma vez que foram levantados dados de relevância, mas é importante apontar algumas limitações. A primeira delas é que a amostra é relativamente pequena e foi dividida em quatro cenários distintos, não houve a possibilidade de fazer uma aleatoriedade dos participantes e nem de aumentar o número de escolas públicas e particulares. Destaca-se que a proposta inicial deste estudo contava com a coleta presencial, a qual já tinha as devidas liberações das escolas públicas e particulares com previsão de início em Março de 2020, mas em virtude do período de pandemia do novo coronavírus (Covid-19) e das recomendações de distanciamento social, a coleta foi realizada de modo online, o que pode ser uma outra limitação do estudo por conta do viés de acesso.

O principal resultado do estudo leva ao debate de que ainda existe uma influência do estereótipo de gênero com algumas tendências para determinados grupos (gênero masculino, morar no interior, possuir renda baixa e estudar em escola pública), principalmente quando o

que está em julgamento é o papel da mulher. As mudanças sociais aconteceram ao longo dos anos, mas a mulher ainda não tem flexibilidade quanto as suas escolhas profissionais e quanto à inserção no mercado de trabalho, suas competências ainda são questionadas quando ela opta por seguir uma profissão socialmente vista como masculina. Esse debate precisa alcançar muitos públicos, principalmente aqueles que se encontram nos grupos supracitados.

A temática principal desse estudo é muito importante e necessária para ser discutida dentro das escolas e até mesmo ser pensada dentro do mercado de trabalho, diante da forma como se projeta e se configura as profissões. Nesse sentido, sugere-se que estudos futuros possam ser conduzidos, bem como intervenções educativas com adolescentes em processo de escolha profissional, com o intuito de minimizar esses efeitos. É evidente que tais efeitos são ruins porque causam e mantêm uma desigualdade de gênero que não faz sentido, uma vez que ela não é baseada nas habilidades e competências profissionais e sim numa crença social pautada no estereótipo de gênero, no machismo e no sexismo.

Referências

- Albornoz, S. (2008). *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense.
- Barros, M. C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2013). Construção e validação de uma medida de papéis de gênero. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 317-324. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v12n3/v12n3a06.pdf>
- Barros, S. C. D. V., & Mourão, L. (2018). Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. *Psicologia & Sociedade*, 30, 1-11. doi: 10.1590/1807-0310/2018v30174090
- Basso, C. (2008). Escolha Profissional: estudantes universitários em crise durante as fases intermediárias da formação acadêmica (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91687>
- Belo, R. P., Souza, T. R. D., & Camino, L. (2010). Análise de repertórios discursivos sobre profissões e o sexo: Um estudo empírico na cidade de João Pessoa. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 23-31. doi: 10.1590/S0102-71822010000100004
- Bohoslavsky, R. (2007). *Orientação vocacional: A estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Buchanan, T. (2014). The influence of gender role attitudes on perceptions of women's work performance and the importance of fair pay. *Sociological Spectrum*, 34(3), 203-221. doi: 10.1080/02732173.2014.895637

- Casagrande, L. S., & Souza, Â. M. F. D. L. (2016). Para além do gênero: Mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. *Revista Estudos Feministas*, 24(3), 825-850. doi: 10.1590/1806-9584-2016v24n3p825
- Conceição, A. C., Amorim, A. K. F., & Pereira, C. R. (2020). O papel do conteúdo dos estereótipos na discriminação de gênero. In M. E. O. Lima, D. X. França, & R. M. K. Freitag (Orgs.), *Processos Psicossociais de Exclusão Social*. São Paulo: Blucher.
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). Resolução nº 016/2000 – *Dispõe sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos*. Brasil: CFP, Brasília, DF.
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466/2012 – *Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510/2016 – *Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF.
- Cunha, Y. F. F., & Sousa, R. R. (2016). Gênero e enfermagem: Um ensaio sobre a inserção do homem no exercício da enfermagem. *RAHIS-Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde*, 13(3), 140 - 149. doi: 10.21450/rahis.v13i3.4254
- De Moura, R. R., & Possato, S. (2012). As dificuldades de inserção no mercado de trabalho e suas repercussões na vida dos jovens: Apontamentos a partir de uma experiência em comunidade periférica de Ponta Grossa-PR. *Eleuthera*, 7, 193-221. Recuperado de http://eleuthera.ucaldas.edu.co/downloads/Eleuthera7_11.pdf
- Formiga, N. S., & Camino, L. (2001). A Dimensão do Inventário de Papeis Sexuais (BSRI): A masculinidade e feminilidade em universitários. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 18(2), 41-49. doi: 10.1590/S0103-166X2001000200004
- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo*, 7(1), 103-111. doi: 10.1590/S1413-73722002000100013
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. doi: 10.1037/0022-3514.70.3.491
- Gonzaga, L. R. V. (2011). Relação entre vocação, escolha profissional e nível de stress (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida. Pontífca Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, Brasil. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/283>
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, 37(132), 595-609. doi: 10.1590/S0100-15742007000300005
- Ho, A. K., Sidanius, J., Kteily, N., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., ... & Stewart, A. L. (2015). The nature of social dominance orientation: Theorizing and measuring preferences for intergroup inequality using the new SDO₇ scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(6), 1003. doi: 10.1037/pspi0000033.supp

- Jacquemin, A., Okino, E. T. K., Noce, M. A., Assoni, R. D. F., & Pasian, S. R. (2006). *O BBT-Br Feminino. Teste de Fotos de Profissões: Adaptação brasileira, normas e estudos de caso*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Lima, F. I. A., Voig, A. E. G. T., Feijó, M. R., Camargo, M. L., & Cardoso, H. F. (2017). A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 19(1), 33-50. doi: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818
- Lobato, C. R. P. S. (2001). Maturidade vocacional e gênero: adaptação e uso de instrumentos de avaliação (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7452/000544703.pdf?sequence=1>
- Lucchiari, D. H. P. S. (2017). *Pensando e vivendo a orientação profissional*. São Paulo: Summus.
- Madalozzo, R., & Artes, R. (2017). Escolhas profissionais e impactos no diferencial salarial entre homens e mulheres. *Cadernos de Pesquisa*, 47(163), 202-221. doi: 10.1590/198053143666
- Mesquita Filho, M., Eufrásio, C., & Batista, M. A. (2011). Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. *Saúde e Sociedade*, 20, 554-567. doi: 10.1590/S0104-12902011000300003
- Moraes, A. Z. D., & Cruz, T. M. (2018). Estudantes de engenharia: Entre o empoderamento e o binarismo de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 48(168), 572-598. doi: 10.1590/198053145159
- Narimatsu, G. D. M., & Duque, T. (2020). “Óh, ela é formada em Física”: Um estudo sobre educação e gênero na região de Corumbá/MS. *Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, 7(14), 55-80. Recuperado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/8172>
- Nascimento, A. P. L., & Cruz, M. H. S. (2017). Juventudes em debate: Uma análise teórica a partir da relação escola, culturas juvenis e gênero. *Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE*, 1(8), 144-170. Recuperado de <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/view/949>
- Natividade, J. C., Laskoski, L. M., Barros, M. C., & Hutz, C. S. (2014). As diferenças sexuais podem fundamentar estereótipos de gênero? Deixem jovens de baixa escolaridade responderem. *Psicologia e Saber Social*, 3(1), 22-40. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/12201/9500>
- Neiva, K. M. C., Silva, M. B., Miranda, V. R., & Esteves, C. (2005). Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 1-14. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v6n1/v6n1a02.pdf>
- Nepomuceno, R. F., & Witter, G. P. (2010). Influência da família na decisão profissional: Opinião de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 15-22. doi: 10.1590/S1413-88572010000100002

- Oliveira, M. C. S. L., Pinto, R. G., & Souza, A. D. S. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: Universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia, 11*(1), 16-27. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v11n1/v11n1a03.pdf>
- Praça, M., & Souza-Leite, C. R. V. (2017). A relação profissão e gênero, a sociedade e sua cultura. *Plures Humanidades, 18*(1), 51-64. Recuperado de <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/332/228>
- Pratto, F., Sidanius, J., & Levin, S. (2006). Social dominance theory and the dynamics of intergroup relations: Taking stock and looking forward. *European Review of Social Psychology, 17*(1), 271–320. doi:10.1080/10463280601055772
- Rabelo, A. (2013). Debates sobre gênero na docência: O professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. *Educar em Revista, (48)*, 207-234. doi: 10.1590/S0104-40602013000200013
- Rappaport, C. R. (2004). *Escolhendo a profissão*. São Paulo: Editora Ática.
- Resende, G. C., & Pasian, S. R. (2017). Inclinações motivacionais de adolescentes concluintes do ensino fundamental em Manaus a partir do BBT-Br. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 18*(2), 232-247. doi: 10.26707/1984-7270/2017v18n2p233
- Salvaro, G. I. J., Quadros, S.M., & Estevam, D. O. (2016). Projetos profissionais de jovens, formação técnica em agropecuária. *Psicologia & Sociedade, 28*(2), 309-319. doi: 10.1590/1807-03102016v28n2p309
- Santana-Santos, E. K., & Cerqueira-Santos, E. (2020). Estereótipos de gênero na escolha profissional e de carreira no contexto brasileiro. In M. E. O. Lima, D. X. França, & R. M. K. Freitag (Orgs.), *Processos Psicossociais de Exclusão Social*. São Paulo: Blucher.
- Shimada, M., & Melo-Silva, L. L. (2013). Interesses profissionais e papéis de gênero: Escolhas femininas no BBT-Br. *Avaliação Psicológica, 12*(2), 243-251. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v12n2/v12n2a15.pdf>
- Silva, M. C., & Mendes, O. M. (2015). As marcas do machismo no cotidiano escolar. *Caderno Espaço Feminino, 28*(1), 90-99. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/31723>
- Smith, K. N., & Gayles, J. G. (2018). “Girl Power”: Gendered academic and workplace experiences of college women in engineering. *Social Sciences, 7*(1), 1-23. doi: 10.3390/socsci7010011
- Soares, D. H. P. (2016). *O que é escolha profissional*. São Paulo: Brasiliense.
- Soares, D. H. P. (2018). *A Escolha Profissional: Do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- Viana, H. A., de Sousa, A. W. L., & Torres, A. R. R. (2018). Engenheiras e enfermeiros: estereótipos, discriminação e desafios de profissionais contranormativos. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura, 29*, 25-56. Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9623>

Vilanova, F., Soares, D., Quadros Duarte, M., & Costa, Â. B. (2020). Evidências de validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil. *Manuscript submitted for publication*.

Integração dos estudos e considerações finais

A presente dissertação objetivou analisar como os estereótipos de gênero podem influenciar na escolha profissional de adolescentes a partir do julgamento destes quanto a existência de profissões masculinas e femininas. A especificidade do problema de pesquisa norteou o percurso teórico e metodológico adotado para consecução dos estudos que compõem esta dissertação de mestrado. Assim, foram realizados três estudos consecutivos: um estudo de revisão de literatura, um estudo psicométrico e um estudo empírico.

O primeiro estudo tratou de uma revisão de literatura que buscou mapear a produção científica sobre a temática em questão, com vistas a entender o panorama brasileiro acerca da relação entre profissão e gênero (Santana-Santos & Cerqueira-Santos, 2020). Diante dos resultados obtidos com a revisão, foi possível observar diferenças de gênero em diversas facetas no campo da escolha profissional e de carreira. A partir dos artigos que compuseram a análise deste estudo observou-se a existência de duas grandes categorias, a saber: “Escolhas, Interesses e Gênero” e “Mercado de trabalho, Carreira e Gênero”. A primeira direcionada para um público adolescente em fase de escolha profissional versa sobre discussões acerca dos interesses profissionais e inclinações motivacionais desses estudantes; a segunda direcionada ao público que já se encontra inserido no mercado de trabalho levanta discussões sobre desafios e desigualdades de gênero no campo profissional.

De maneira geral, foi possível constatar que a construção social acerca dos papéis do gênero e do que é permitido socialmente para homens e mulheres em nossa sociedade tem impactado diretamente nas escolhas profissionais e de carreira (Santana-Santos & Cerqueira-Santos, 2020). Esta construção está associada a uma ideia de masculinidade e feminilidade, pautada na premissa de que determinadas características são comumente relacionadas às mulheres, como cuidado, assistência e sensibilidade; enquanto outras características como força física, liderança e poder são geralmente relacionadas aos homens. Este primeiro estudo trouxe uma perspectiva do que vem sendo estudado e publicado nos últimos cinco anos acerca dessa intersecção “Profissão x Gênero” (Resende & Pasian, 2017; Barros & Mourão, 2018), bem como serviu de aparato e direcionamento para os estudos subsequentes.

Após a revisão de literatura pode-se perceber que existe uma lacuna nas pesquisas nacionais realizadas com adolescentes que contemple as questões de gênero na escolha profissional, mais precisamente que discuta como os estereótipos ligados aos papéis sociais, ao machismo, ao sexismo e a dominância social acabam influenciando nas escolhas e reproduzindo lugares diferentes para homens e mulheres na sociedade. Assim, o primeiro passo, foi pensar

em verificar a validade de uma escala que pudesse ser utilizada como medida em uma amostra de adolescentes. Dessa forma, o segundo e terceiro estudo foram dois trabalhos empíricos que se complementaram, uma vez que, o segundo estudo buscou encontrar evidências de validade de um instrumento para que o mesmo pudesse ser utilizado com um grupo específico no terceiro estudo. Cabe ressaltar que a mesma amostra foi utilizada para os dois estudos.

Diante do que havia sido delineado para o terceiro estudo surgiu a necessidade de utilização de uma medida de sexismo. No contexto brasileiro, a principal medida para esse construto é o Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) (Formiga, Golveia, & Santos, 2002), que avalia o sexismo em duas dimensões, o sexismo hostil e o sexismo benevolente. Este instrumento vem sendo aplicado ao longo dos anos em amostra de adultos, e em toda literatura apenas um estudo foi encontrado sobre a sua aplicação em adolescentes, mais precisamente com adolescentes do gênero masculino, nenhum estudo até o momento utilizou a medida em adolescentes dos gêneros feminino e masculino simultaneamente. Dessa forma, o segundo estudo consistiu na busca de evidências de validade do ISA para o uso com adolescentes (meninas e meninos), processo este que foi iniciado após o contato com os autores da escala. Os resultados encontrados a partir das análises estatísticas mostrou que a medida possui propriedades psicométricas adequadas para o uso com este grupo específico.

O terceiro estudo buscou analisar como os estereótipos de gênero influenciam no julgamento de adolescentes quanto a existência de profissões socialmente vistas como masculinas e femininas. Este estudo de caráter quantitativo foi realizado através de um *survey online* com adolescentes em fase escolha profissional, o formulário contava com 5 instrumentos, entre eles o Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) validado no segundo estudo para uso com adolescentes. Os resultados obtidos a partir de uma amostra de 486 adolescentes de diferentes perfis sociodemográficos foram analisados estatisticamente e apontaram para o fato de que existe uma influência dos estereótipos de gênero na escolha profissional, com uma tendência para determinados grupos (gênero masculino, residente do interior, estudante de escola pública, que possui renda baixa).

A discussão desse trabalho levanta questões referentes ao sexismo (Glick & Fiske, 1996), a dominância social (Pratto, Sidanius, & Levin, 2006), a divisão sexual do trabalho (Hirata & Kergoat, 2007) e aos papéis de gênero (Silva & Mendes, 2015) que são construídos socialmente, apontando que o sexismo neste estudo têm uma direção, o sexismo é machista e impede a mulher, dado que o julgamento mais expressivo deste estudo de não concordância dos adolescentes, foi quando uma mulher se inseria em uma profissão vista socialmente como masculina. O fato de um homem adentrar em uma profissão socialmente vista como feminina

não foi alvo de estranhamento. É evidente o quanto este resultado é negativo, uma vez que ele escancara o reflexo de uma sociedade preconceituosa, sexista e machista, onde apesar de tantas lutas em prol da igualdade de gênero, as mulheres ainda enfrentam barreiras e desafios para adentrar em muitos espaços, bem como para fazer escolhas no campo profissional e se inserir no mundo do trabalho. Cabe ressaltar, que este pensamento é perpetuado entre os adolescentes e na maioria das vezes acaba enviesando as escolhas profissionais.

De maneira geral, a problemática desta dissertação reflete um problema estrutural que é intrínseco a uma sociedade machista e patriarcal, onde foi ensinado que os homens são seres superiores e que a mulher é um ser submisso, o que reflete diretamente na delimitação de quais papéis sociais devem ser desempenhados e quais espaços devem ser ocupados por cada um dos gêneros. Se analisarmos esta conjuntura, veremos que essa construção começa muito cedo, pensando em exemplos que se aproximam com a problemática desta dissertação, podemos ver que na infância as crianças nem sempre têm a opção de escolher com quem ou que objeto brincar, uma vez que os grupinhos são sempre divididos em “meninas” e “meninos”, assim como se constrói a ideia de que existem brincadeiras e brinquedos próprios para cada gênero (Cerqueira-Santos & Bourne, 2015). É também através do brincar e principalmente das brincadeiras de “faz de conta” que as crianças projetam seus desejos sobre aquilo que querem fazer quando crescer, brincadeira esta que se encontra pautada no que elas têm de modelo profissional, os quais são advindos das pessoas com quem convive e que na maioria das vezes seguem os padrões de gênero determinados pela sociedade, do que é certo e permitido para homens e mulheres.

Diante do exposto, pode-se dizer que na adolescência quando o indivíduo se depara com a escolha profissional, todas as questões até aqui discutidas encontram-se implicadas em sua construção como sujeito, dado que o ser humano é biopsicossocial. Levando em consideração ainda que a escolha profissional é multifatorial, visto que sofre a interferência de diversos fatores, entre eles: sociais, econômicos, políticos, familiares e até mesmo de gênero. Por isso a importância de discutir a temática central dessa dissertação de mestrado nos mais variados âmbitos, bem como conduzir intervenções com adolescentes em contextos educacionais, com vistas a desmistificar os efeitos dos estereótipos gênero em relação as profissões.

Referências

- Barros, S. C. V., & Mourão, L. (2018). Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. *Psicologia & Sociedade*, 30, e174090. doi:10.1590/1807-0310/2018v30174090
- Cerqueira-Santos, E., & Bourne, J. (2015). Papéis de gênero nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças adotadas por casais do mesmo sexo. *Contextos Clínicos*, 8(1), 38-45. doi: 10.4013/ctc.2015.81.04
- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo*, 7(1), 103-111. doi: 10.1590/S1413-73722002000100013
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. doi: 10.1037/0022-3514.70.3.491
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, 37(132), 595-609. doi: 10.1590/S0100-15742007000300005
- Pratto, F., Sidanius, J., & Levin, S. (2006). Social dominance theory and the dynamics of intergroup relations: Taking stock and looking forward. *European Review of Social Psychology*, 17(1), 271-320. doi:10.1080/10463280601055772
- Resende, G. C., & Pasian, S. R. (2017). Inclinações motivacionais de adolescentes concluintes do ensino fundamental em Manaus a partir do BBT-Br. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(2), 233-247. doi:10.26707/1984-7270/2017v18n2p233.
- Santana-Santos, E. K., & Cerqueira-Santos, E. (2020). Estereótipos de gênero na escolha profissional e de carreira no contexto brasileiro. In M. E. O. Lima, D. X. França, & R. M. K. Freitag (Orgs.), *Processos Psicossociais de Exclusão Social*. São Paulo: Blucher.
- Silva, M. C., & Mendes, O. M. (2015). As marcas do machismo no cotidiano escolar. *Caderno Espaço Feminino*, 28(1), 90-99. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/31723>

Apêndice A – Questionário sociodemográfico

Questionário sociodemográfico	
Data de preenchimento da pesquisa: __/__/____	Idade:
Tipo da instituição: () Pública () Particular	Série escolar:
Curso que pretende prestar vestibular/Enem:	

1- Qual o seu gênero?

- a) Masculino
- b) Feminino
- c) Não Binário
- d) Outro

2- Como você identifica a sua orientação sexual?

- a) Gosto apenas de pessoas do sexo oposto ao meu
- b) Gosto apenas de pessoas do mesmo sexo que o meu
- c) Gosto de pessoas de ambos os sexos

3- Como você se considera?

- a) Branco (a)
- b) Pardo (a)
- c) Preto (a)
- d) Amarelo (a)
- e) Indígena

4- Qual a sua religião?

- a) Católica
- b) Evangélica
- c) Protestante
- d) Espírita
- e) Agnóstico
- f) Afro-Brasileiras (Umbanda, Candomblé, etc.)

- g) Sem religião
- h) Outra

5- Local da sua residência:

- a) Zona urbana
- b) Zona rural

6- Município onde reside:

7- Estado onde reside:

8- Atualmente, você reside:

- a) Com meus pais
- b) Com meus parentes
- c) Com os amigos
- d) Casa de estudante
- e) Sozinho (a)
- f) Outro

9- Sua residência é:

- a) Própria
- b) Alugada
- c) Outros

10- Qual o grau de escolaridade do seu pai?

- a) Não alfabetizado
- b) Ensino fundamental
- c) Ensino médio
- d) Ensino superior
- e) Pós-Graduação
- f) Não sei

11- Qual o grau de escolaridade da sua mãe?

- a) Não alfabetizada

- b) Ensino fundamental
- c) Ensino médio
- d) Ensino superior
- e) Pós-Graduação
- f) Não sei

12- Qual a renda mensal do seu grupo familiar? (Soma do rendimento de todos que contribuem com a renda da casa).

- a) Menos de 1 mil reais
- b) De 1 mil reais a 3 mil reais
- c) De 03 mil reais a 06 mil reais
- d) De 06 mil reais a 10 mil reais
- e) Mais de 10 mil reais

13- Qual sua participação na vida econômica do seu grupo familiar?

- a) Não trabalha e é sustentado (a) pela família ou por outras pessoas.
- b) Trabalha, mas recebe ajuda financeira da família ou de outras pessoas.
- c) Trabalha e é responsável pelo sustento, além de contribuir parcialmente para o sustento da família.
- d) Trabalha e é responsável apenas pelo seu próprio sustento.
- e) Trabalha e é o principal responsável pelo sustento da família.

14- Qual é o meio de comunicação que você mais utiliza para se manter informado? (marque mais de uma alternativa, se necessário).

- a) Jornal escrito e/ou revistas
- b) Jornal TV
- c) Jornal Rádio
- d) Internet
- e) Redes Sociais
- e) Outros

15- Você tem acesso à Internet em casa?

- a) Sim
- b) Não

16- Você tem telefone celular?

a) Sim

b) Não

Apêndice B – Cenários

I - Anúncio de emprego

Engenharia Civil Obras (Responsável pela construção de casas habitacionais)	
Requisitos	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino superior completo em Engenharia Civil • Registro ativo no CREA • Pós-Graduação em Gerenciamento de Projetos • Experiência na área (mínimo de 2 anos)
Atribuições	<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhar a execução de projetos de engenharia civil na construção de obras de casas habitacionais; • Desenvolver planos e métodos de trabalho para orientar o andamento das obras dentro dos padrões técnicos e de segurança; • Auxiliar no planejamento estratégico de desenvolvimento dos projetos com conhecimentos técnicos sobre a obra e sua estrutura em termos de materiais e equipamentos a serem utilizados; • Acompanhar movimentação orçamentária do projeto, garantindo o cumprimento dos prazos e custos; • Analisar e conferir medições de serviços; • Estruturar equipes de trabalho.
Benefícios	<ul style="list-style-type: none"> • Salário compatível com o cargo • Assistência médica • Assistência odontológica • Previdência privada • Seguro de vida • Vale alimentação • Vale transporte

Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Bom relacionamento interpessoal; • Proatividade; • Capacidade e rapidez na tomada de decisões; • Liderança; • Dinamismo; • Foco em produtividade; • Organização e Controle; • Senso crítico apurado.
---------------------	---

Enfermagem Unidade Básica de Saúde (Responsável pelo PSF de uma microrregião)	
Requisitos	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino superior completo em Enfermagem • Registro ativo no COREN • Pós-Graduação em Saúde da Família • Experiência na área (mínimo de 2 anos)
Atribuições	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar busca ativa dos casos que comprometem a saúde do indivíduo ou de sua comunidade; • Realizar assistência de enfermagem na Unidade Básica de Saúde ou em domicílio com foco na promoção, prevenção ou reabilitação de saúde; • Realizar consultas de enfermagem, abrangendo todo o ciclo de vida do indivíduo (saúde da criança, saúde da mulher, saúde do adulto e saúde do idoso), baseado na aplicação dos protocolos vigentes com foco no indivíduo, em sua família e sua comunidade; • Realizar grupos dentro da Unidade Básica de Saúde ou na comunidade, a fim de promover ações voltadas para os cuidados em saúde; • Supervisionar à equipe de técnicos de enfermagem em seus procedimentos (triagem, curativos, vacinas, entre outros); • Planejar, gerenciar, coordenar e avaliar as ações desenvolvidas pelos Agentes comunitários de saúde.
Benefícios	<ul style="list-style-type: none"> • Salário compatível com o cargo • Assistência médica • Assistência odontológica • Previdência privada • Seguro de vida • Vale alimentação • Vale transporte

Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciativa • Proatividade • Capacidade de resiliência • Atenção • Comprometimento • Comunicação assertiva • Visão sistêmica do trabalho • Facilidade para trabalhar em equipe
---------------------	--

II - Perfil dos candidatos

Candidatos para a vaga de Engenharia Civil

- 1- Marta se formou em Engenharia Civil a 4 anos, e após a conclusão do curso começou a trabalhar na mesma construtora que realizou estágio durante a graduação. O fato de ter se destacado enquanto estagiária abriu as portas do mercado de trabalho logo após o término do curso. Os serviços prestados por Marta sempre foram de excelência, o que ajudou a alavancar sua carreira e o seu nome enquanto profissional da área. No ano de 2017, a empresa que Marta prestava serviços faliu e a mesma foi demitida. Como sempre trabalhou muito e não teve tempo para continuar estudando, ela aproveitou a fase do desemprego para se qualificar e fazer uma Pós-Graduação. Agora, pós-graduada em Segurança do Trabalho e Gerenciamento de Projetos busca por uma recolocação no mercado de trabalho.
- 2- Marcos se formou em Engenharia Civil a 4 anos, e após a conclusão do curso começou a trabalhar na mesma construtora que realizou estágio durante a graduação. O fato de ter se destacado enquanto estagiário abriu as portas do mercado de trabalho logo após o término do curso. Os serviços prestados por Marcos sempre foram de excelência, o que ajudou a alavancar sua carreira e o seu nome enquanto profissional da área. No ano de 2017, a empresa que Marcos prestava serviços faliu e o mesmo foi demitido. Como sempre trabalhou muito e não teve tempo para continuar estudando, ele aproveitou a fase do desemprego para se qualificar e fazer uma Pós-Graduação. Agora, pós-graduado em Segurança do Trabalho e Gerenciamento de Projetos busca por uma recolocação no mercado de trabalho.

Candidatos para a vaga de Enfermagem:

- 1- Fabiana se formou em Enfermagem a 4 anos, e após a conclusão do curso começou a trabalhar no Posto de Saúde da sua cidade, o mesmo que realizou estágio na graduação. Ela se destacou enquanto estagiária no cuidado e na relação que mantinha com os pacientes, o que abriu as portas do mercado de trabalho logo após o término do curso. Os serviços prestados por Fabiana atendem as necessidades da comunidade de maneira satisfatória e assim exerce sua profissão com excelência e humanização no trato aos pacientes. No ano de 2017, Fabiana passou por problemas familiares e precisou mudar de estado, dessa forma, teve que deixar seu trabalho. No novo estado de moradia, ela buscou se qualificar para conseguir outro emprego e resolveu fazer uma Pós-Graduação. Agora, pós-graduada em Saúde da Família e em Saúde Pública, busca por uma recolocação no mercado de trabalho.
- 2- Felipe se formou em Enfermagem a 4 anos, e após a conclusão do curso começou a trabalhar no Posto de Saúde da sua cidade, o mesmo que realizou estágio na graduação. Ele se destacou enquanto estagiário no cuidado e na relação que mantinha com os pacientes, o que abriu as portas do mercado de trabalho logo após o término do curso. Os serviços prestados por Felipe atendem as necessidades da comunidade de maneira satisfatória e assim exerce sua profissão com excelência e humanização no trato aos pacientes. No ano de 2017, Felipe passou por problemas familiares e precisou mudar de estado, dessa forma, teve que deixar seu trabalho. No novo estado de moradia, ele buscou se qualificar para conseguir outro emprego e resolveu fazer uma Pós-Graduação. Agora, pós-graduado em Saúde da Família e em Saúde Pública, busca por uma recolocação no mercado de trabalho.

III - Perguntas:

- 1- O quanto você acha que essa pessoa é o funcionário ideal para o cargo?
 - a) Nada
 - b) Pouco
 - c) Parcialmente
 - d) Muito
 - e) Totalmente
- 2- O quanto você acha que essa pessoa tem conhecimento e competência para assumir esse cargo?

- a) Nada
 - b) Pouco
 - c) Parcialmente
 - d) Muito
 - e) Totalmente
- 3- O quanto você acha que a vida pessoal dessa pessoa é apropriada para essa profissão?
- a) Nada
 - b) Pouco
 - c) Parcialmente
 - d) Muito
 - e) Totalmente
- 4- O quanto você acha que essa pessoa será firme para executar as tarefas a ela designadas?
- a) Nada
 - b) Pouco
 - c) Parcialmente
 - d) Muito
 - e) Totalmente
- 5- O quanto você acha que o sexo/gênero dessa pessoa é apropriado para desempenhar as tarefas desta profissão?
- a) Nada
 - b) Pouco
 - c) Parcialmente
 - d) Muito
 - e) Totalmente

Anexo A - Escala de Papéis de Gênero

Escala de Papéis de Gênero

Abaixo há uma lista de expressões e pedimos a você que julgue o quanto elas são adequadas para descrever você. Quanto **mais** você **concorda** que a palavra descreve você, mais perto do **número 7** você deve assinalar. Quanto **menos** você **concorda** que a palavra descreve você, mais perto do **número 1** você deve assinalar.

Eu sou uma pessoa...	Discordo totalmente			Nem concordo, nem discordo			Concordo totalmente
	1	2	3	4	5	6	7
1. Sensível	1	2	3	4	5	6	7
2. Que gosta de correr riscos	1	2	3	4	5	6	7
3. Acolhedor (a)	1	2	3	4	5	6	7
4. Livre	1	2	3	4	5	6	7
5. Amável	1	2	3	4	5	6	7
6. Prática (o)	1	2	3	4	5	6	7
7. Intuitiva (o)	1	2	3	4	5	6	7
8. Administrador (a)	1	2	3	4	5	6	7
9. Compreensiva (o)	1	2	3	4	5	6	7
10. Com poder	1	2	3	4	5	6	7
11. Emotiva (o)	1	2	3	4	5	6	7
12. Líder	1	2	3	4	5	6	7
13. Afetuosa (o)	1	2	3	4	5	6	7
14. Autoconfiante	1	2	3	4	5	6	7

Anexo B - Inventário de Sexismo Ambivalente

A seguir você encontrará uma série de frases sobre os homens e as mulheres e suas relações mútuas na sociedade contemporânea. Por favor, indique em que medida você concorda ou discorda com cada uma delas, utilizando a seguinte escala de resposta e escrevendo, nos parênteses, o número que melhor caracteriza a sua resposta.

<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>	<i>5</i>
Discordo totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo totalmente

01. () Ainda que um homem tenha muito êxito em sua vida, não poderá sentir-se completo a menos que tenha o amor de uma mulher.
02. () Com o pretexto da igualdade, muitas mulheres buscam privilégios especiais, como condições de trabalho que as favoreçam.
03. () Em caso de grandes ou pequenos acidentes, as mulheres devem ser resgatadas antes que os homens.
04. () A maioria das mulheres interpreta os comentários ou brincadeiras inocentes como sexistas, isto é, como expressões preconceituosas ou discriminatórias contra elas.
05. () As mulheres se ofendem muito facilmente.
06. () As pessoas não podem ser verdadeiramente felizes em suas vidas a menos que tenham uma outra pessoa do sexo oposto. (Ex.: para o homem, uma mulher, e vice-versa).
07. () Na verdade, o que as mulheres feministas pretendem é que a mulher tenha mais poder que o homem.
08. () Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem.
09. () As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens.
10. () A maioria das mulheres não dá valor de forma completa a tudo o que os homens fazem por ela.
11. () As mulheres tentam ganhar poder controlando os homens.
12. () Todo homem deve ter uma mulher a quem amar.
13. () O homem está incompleto sem a mulher.
14. () As mulheres exageram os problemas que têm no trabalho.

15. () Uma vez que uma mulher consiga que o homem se comprometa com ela, geralmente, ela tenta o controlar.
16. () Quando as mulheres são vencidas pelos homens numa disputa justa, geralmente elas se queixam de haver sido “roubadas” ou discriminadas.
17. () Uma boa mulher deveria ser posta em um pedestal pelo homem.
18. () Existem muitas mulheres que, para chamar a atenção de um homem, primeiro se insinuam sensualmente e depois rejeitam seus avanços ou ‘cantadas’.
19. () As mulheres, em comparação com os homens, tendem a ter uma maior sensibilidade moral.
20. () Os homens deveriam estar dispostos a sacrificar seu próprio bem-estar a fim de dar segurança econômica e social às mulheres.
21. () As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente irracionais aos homens.
22. () As mulheres, em comparação com os homens, mostram um sentido mais refinado para a cultura e o bom gosto.

Anexo C - Versão Brasileira da SDO7

Por favor marque o quanto você concorda ou discorda de cada ideia abaixo indicando um número de 1 a 7. Você pode responder rapidamente, a sua primeira impressão geralmente é a melhor.

		Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Não concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
1	Alguns grupos devem ser mantidos em seus devidos lugares na sociedade. ¹	1	2	3	4	5	6	7
2	Provavelmente é bom que alguns grupos estejam em posições superiores e outros em posições inferiores na sociedade. ¹	1	2	3	4	5	6	7
3	Uma sociedade ideal exige que alguns grupos estejam em posições superiores e outros estejam em posições inferiores na sociedade. ¹	1	2	3	4	5	6	7
4	Alguns grupos de pessoas são simplesmente inferiores a outros na sociedade. ¹	1	2	3	4	5	6	7
5	Grupos em posições inferiores na sociedade merecem tanto quanto grupos que estão em posições superiores. ²	1	2	3	4	5	6	7
6	Nenhum grupo deveria ser dominante na sociedade. ²	1	2	3	4	5	6	7
7	Grupos em posições inferiores na sociedade não deveriam ter que permanecer como estão. ²	1	2	3	4	5	6	7
8	O princípio de que um grupo deve dominar outro é ruim. ²	1	2	3	4	5	6	7

9	Nós não deveríamos promover a igualdade entre os grupos. ³	1	2	3	4	5	6	7
10	Não deveríamos tentar garantir que todos os grupos tenham a mesma qualidade de vida. ³	1	2	3	4	5	6	7
11	É injusto tentar fazer com que os grupos sejam iguais. ³	1	2	3	4	5	6	7
12	Nosso objetivo principal não deveria ser a igualdade entre os grupos. ³	1	2	3	4	5	6	7
13	Nós deveríamos trabalhar para oferecer a todos os grupos chances iguais de serem bem-sucedidos. ⁴	1	2	3	4	5	6	7
14	Deveríamos fazer o possível para assegurar condições iguais para os diferentes grupos. ⁴	1	2	3	4	5	6	7
15	Não importa quanto esforço seja necessário, nós devemos nos esforçar para assegurar que todos os grupos tenham as mesmas chances na vida. ⁴	1	2	3	4	5	6	7
16	Nosso ideal deveria ser a igualdade entre grupos. ⁴	1	2	3	4	5	6	7

Nota: ¹: Item correspondente ao fator Pró-Dominância Social; ²: Item correspondente ao fator Contra Dominância Social; ³: Item correspondente ao fator Anti-Igualitarismo; ⁴: Item correspondente ao fator Igualitarismo.